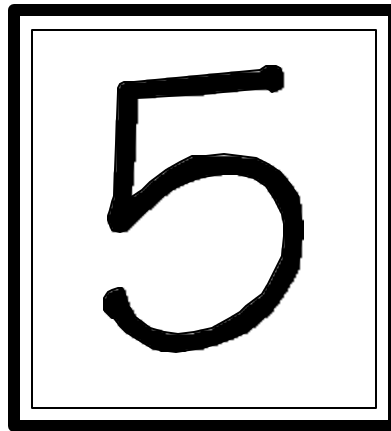


CADERNO DOUTRINÁRIO

EXPOSIÇÕES DIDÁTICAS



Divulgação do Espiritismo

ORGANIZADO E DISTRIBUÍDO
PELO
CENTRO ESPÍRITA " 18 DE ABRIL "
RIO DE JANEIRO
BRASIL

CAMILLE FLAMMARION



Astrônomo e escritor, foi também um espírita convicto e praticante. Suas obras enriqueceram muito a literatura espírita. Nasceu Camille Flammarion no dia 26 de fevereiro de 1842, na França, e desencarnou a 4 de julho de 1925. Ia seguir a carreira eclesiástica e chegou a cursar o seminário de Langres, mas abandonou o seminário ainda jovem, e foi lutar pela vida. Dotado de muita inclinação para a ciência, ficou adido, aos 16 anos de idade, ao Observatório de Paris, como aluno de astronomia, tendo sido designado para servir na “Repartição das Longitudes”.

Sua maior predileção era justamente a astronomia. Ainda moço, montou um observatório particular, em Juvisy, o qual foi transferido, depois, para Paris. Fundou a Sociedade Astronômica da França e publicou aproximadamente quarenta trabalhos sobre astronomia. Suas obras científicas foram traduzidas em diversas línguas. Organizou também cursos populares de astronomia. A fama de Flammarion começou, a bem dizer, quando publicou um livro, que logo se tornaria célebre: A pluralidade dos mundos habitados. O livro teve grande e imediata repercussão nos meios mais cultos da Europa, justamente porque apareceu no momento em que muito se acentuava as tendências materialistas da época. Foi por causa desse livro que Flammarion se decidiu a estudar o Espiritismo. Houve, realmente, uma coincidência muito relevante. Conta o próprio Flammarion que, ao passar por uma galeria em Paris, viu exposto O Livro dos Espíritos e, pela curiosidade do título, resolveu folhear o Livro; com surpresa, notou prontamente que O Livro dos Espíritos defendia uma tese que estava inteiramente de acordo com a tese que ele, defendera em sua obra. Daí por diante tornou-se amigo e companheiro de Allan Kardec, tendo trabalhado como médium, na antiga Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas. Em 1867 Flammarion publicou outro livro notável: Deus na Natureza, livro em que, com argumentos científicos, afirma a existência de Deus.

Com espírito crítico, sempre afeito à orientação científica, realizou estudos e pesquisas durante longos anos, o que lhe permitiu escrever As Forças Naturais Desconhecidas e, depois, outros trabalhos de real valor. Entre outras obras espíritas, ainda hoje citadas, como fontes autorizadas: O Desconhecido e os problemas psíquicos, Casas Mal Assombradas, A Morte e seus mistérios. Coube, finalmente, a Camille Flammarion fazer o discurso de despedida, à beira do túmulo de Allan Kardec, em nome dos espíritas de Paris. Nesse memorável discurso, reafirmou a sua convicção espírita e declarou o seguinte: “Fôra Allan Kardec um homem de ciência e de certo não houvera podido prestar este primeiro serviço e a dilatá-lo até muito longe, como um convite a todos os corações. Ele, porém, era o que eu denominarei simplesmente o bom senso encarnado.” Deixou Flammarion, como se vê, notável contribuição à literatura espírita. Não ficou apenas no fenômeno: aceitou a reencarnação que é a base da filosofia espírita.

O ESPIRITISMO, COMO DISSE ALLAN KARDEC, É UMA DOUTRINA QUE “DIRIGE UM APELO A RAZÃO. A VERDADEIRA CULTURA ESPÍRITA É, POIS AQUELA QUE LEVA A CRIATURA HUMANA A ENRIQUECER A INTELIGÊNCIA APRIMORANDO O SENTIMENTO.

Afirmação reencarnacionista de Flammarion:

“Nossas existências anteriores preparam nossa vida atual. Nossa vida atual prepara as existências vindouras. A alma traz, ao reencarnar-se, aptidões resultantes dos conhecimentos adquiridos anteriormente.”

INTRODUÇÃO

É com toda a satisfação que a Diretoria do Centro Espírita “18 de Abril” publica o 5º Caderno Doutrinário. É claro que o faz com o desejo sincero de concorrer para a divulgação da doutrina codificada por Allan Kardec, em obediência ao estatuto. O grupo de estudos é pequeno, mas o certo é que não faltou até hoje o auxílio do alto para que os seus dirigentes, que são meros instrumentos humanos, possam desempenhar sua tarefa, tanto quanto lhes é possível. Conseguimos, felizmente, manter o espírito de equipe em nosso grupo, e por isso mesmo o trabalho não é individual, é de todos, e quando dizemos todos, abrangemos diretores, associados, freqüentadores e amigos. À Diretoria cumpre apenas executar o programa do Centro. Continuamos a adotar, em nossos estudos, o método didático pelo qual se nortearam as atividades deste Centro, desde os seus primeiros momentos. Relativamente à parte material, não poderemos esquecer jamais a cooperação dos companheiros. Conquanto não nos seja usual citar nomes, podemos dizer que a publicação de nossos Cadernos Doutrinários, apesar da luta geral contra a falta de recursos, representa a boa vontade, o espírito de solidariedade dos poucos, mas prestimosos confrades que nunca deixaram de contribuir com sua ajuda financeira para as publicações do Centro. A todos, indistintamente, os nossos agradecimentos.

Queremos esclarecer que no presente Caderno figuram alguns assuntos que já foram objeto de estudos anteriores. Todavia, para obedecer ao sentido de seqüência, o Caderno que ora lançamos não poderia deixar de tocar em problemas doutrinários já referidos nos Cadernos 3 e 4, especialmente por necessidade do próprio desenvolvimento das questões propostas. Se, finalmente, com esta publicação, conseguir levar algum benefício a quem porventura esteja interessado no estudo da luminosa Doutrina Espírita, dar-se-á por muito satisfeita a

Diretoria do Centro Espírita 18 de Abril

Rio de Janeiro, março de 1959

1ª Palestra: Origem

Já se sabe o que **O Livro dos Espíritos**, obra absolutamente indispensável a quem queira conhecer a doutrina espírita, reúne os ensinamentos dados por diversos Espíritos, através de mais de dez médiuns. É, portanto, uma obra de origem espiritual, em sua essência. Convém notar, entretanto, que esses ensinamentos não foram apenas recebidos, aceitos e colecionados por Allan Kardec, sem exame, sem críticas. Não. É necessário, por isso mesmo, não perder de vista a parte humana, isto é, a parte pessoal de Allan Kardec em relação às comunicações dos Espíritos e à idoneidade dos médiuns. Poderia parecer, à primeira vista, que o trabalho de Allan Kardec se reduziu a simples coleta de material, sem interferências, sem espírito analítico, como se tudo houvesse caído mecanicamente do Alto. Não, não foi assim que surgiu **O Livro dos Espíritos**, em cujo trabalho de elaboração cabe realmente aos Espíritos a parte substancial, sem que, todavia, se possa ou deva concluir a ação do Codificador da Doutrina. Na realidade, e é preciso frisar este ponto, logo de início, Allan Kardec não recebeu passivamente os ensinamentos espirituais: formulou questões, opôs as suas dúvidas, estabeleceu um plano de trabalho, comparou as comunicações e ainda foi mais longe, porque submeteu ao “crivo da razão” todas as questões. É oportuno lembrar que muitas comunicações foram por ele rejeitadas, por falta de concordância lógica. Isto prova à saciedade que Allan Kardec interferiu, muitas vezes, na preparação da obra. Se aparecesse, por exemplo, um espírito galhofeiro ou ignorante, e dissesse um absurdo, Kardec seria o primeiro a recusar a comunicação, pois o seu comportamento, durante todo o longo e persistente período de organização da doutrina, jamais se desviou dessa orientação crítica. Podemos, pois, afirmar que Allan Kardec não incorporou nem seria capaz de incorporar à doutrina qualquer comunicação ou idéia ambígua e obscura. Tudo, como se diz na linguagem vulgar, foi muito bem peneirado, rigorosamente analisado. De fato, **O Livro dos Espíritos** não é de autoria humana, e quem o diz é o próprio Allan Kardec. Não fosse ele um missionário, e todo missionário, além de outras indispensáveis qualidades morais, deve ter honestidade intelectual. Kardec fez questão de esclarecer que a obra é dos Espíritos, e por isso o título adequado: **Livro dos Espíritos**. O título já diz a origem da obra.

2ª palestra: Plano da obra

Convém dizer, preliminarmente, que a introdução, feita por Allan Kardec, é uma síntese da doutrina, quanto aos seus princípios básicos. Tão necessário como a leitura da obra, em si, é a leitura da introdução, justamente porque o Codificador da doutrina fixou, aí, com clareza, os pontos gerais, as noções iniciais do Espiritismo, abrindo caminho para a compreensão indispensável do conjunto, em suas linhas primaciais.

Quem lê atentamente a introdução de “**O Livro dos Espíritos**”, antes de qualquer outra cogitação, já tem uma idéia geral do que seja a doutrina espírita e assim, deve ter mais facilidade para compreender, depois, o sentido de certas questões propostas e discutidas no corpo da obra.

O plano das matérias divide **O Livro dos Espíritos**, como se sabe, em quatro partes. A divisão não é arbitrária nem ocasional, pois não é simples “arrumação” de temas e comentários sem correspondência lógica, sem seqüência de pensamento. Não, absolutamente! As matérias estão distribuídas por ordem metodológica, isto é, partindo das questões mais gerais para as questões especiais, do mesmo modo que, começando por uma série de especulações na ordem metafísica ou transcendental, desce aos problemas práticos ou inerentes à natureza humana. O aspecto inicialmente especulativo não se separa do aspecto propriamente humano das aplicações, pois o Espiritismo é, por excelência, uma doutrina de caráter normativo, porque visa, acima de tudo, à transformação moral do homem, e por isso tem normas implícitas de procedimentos.

Vejamos agora, a divisão geral da obra:

1ª parte: Causas primárias – Deus – Elementos gerais do Universo, criação, Princípio Vital.

2ª parte: Mundo dos Espíritos – Princípio de progressividade – Pluralidade das existências – Encarnação dos Espíritos etc.

3ª parte: Leis Morais (Noções iniciais, Leis de adoração, Trabalho, Reprodução, Conservação, Destruição, Sociedade, Progresso, Igualdade, Liberdade, Justiça, Amor e Caridade).

4ª parte: Penas e gozos, penas e prazeres futuros.

A distribuição dos assuntos obedece à ordem do planejamento, em três etapas:

1ª etapa: generalidades, o conhecimento das causas, do Universo e suas leis;

2ª etapa: problemas gerais, até certo ponto, mas logo seguido de problemas específicos, como a encarnação dos Espíritos, emancipação da alma, intervenção dos espíritos no mundo corpóreo e tantos outros.

3ª etapa: aplicações à vida e ao comportamento individual, porque nos indica o modo de proceder perante as leis da natureza, a fim de mantermos conscientemente o indispensável equilíbrio entre espírito e matéria, entre o mundo e Deus.

Depois da compreensão de todos esses problemas, vem a parte que podemos chamar de conseqüências, porque é precisamente a parte que trata do futuro, isto é, dos sofrimentos ou dos prazeres, decorrentes da maneira por que se conduziu a nossa existência. Como remate, a conclusão pessoal de Allan Kardec, constituindo o capítulo final, em nove seções, reaviva as concepções básicas da doutrina. É assim, finalmente, que esta organizado O Livro dos Espíritos. Há encadeamento lógico, da primeira a última parte. Já se vê que não é um trabalho de mera compilação ou simples reunião de pensamentos esparsos, sem ordem de seqüência. Quando estudarmos o problema do método, veremos que a doutrina emprega o método dedutivo, quando parte naturalmente das causas gerais, para chegar aos problemas especiais, como emprega também o método indutivo, quando parte dos fatos particulares ou das coisas mais próximas para chegar aos conceitos gerais. Isto demonstra que Allan Kardec organizou O Livro dos Espíritos com disciplina de raciocínio, dentro da ordem natural do pensamento filosófico, e por isso mesmo, ele próprio declarou que o Espiritismo passou a ser levado mais a sério quando tomou corpo filosófico.

3ª palestra: Conteúdo geral

Há uma série de questões, que são formuladas obrigatoriamente em qualquer tratado de Filosofia, com a diferença, apenas, de que a interpretação e os argumentos são diferentes, conforme sejam as idéias e a escola de cada autor ou tratadista. Os problemas, na ordem geral, são sempre os mesmos, sujeitos a todas as divergências interpretativas e, conseqüentemente, podendo levar a conclusões opostas, de acordo com o ponto de vista de quem estuda ou discute. Temos, por exemplo, a existência de Deus, a origem do Universo e da vida, o princípio da evolução e outros tantos pontos fundamentais da discussão filosófica. Tais problemas são apresentados em qualquer escola filosófica – espiritualista, materialista, eclética etc. – e cada qual tem o seu modo de ver, suas premissas habituais, seus argumentos especiais, suas conclusões inevitáveis.

A noção de origem do Universo, por exemplo, discutida por um materialista e um espírita, não pode levar às mesmas conclusões, não só porque ambos partem de premissas opostas, como também

porque as idéias se encaminham por uma ordem divergente. Há ocasiões em que, embora as premissas estejam em desacordo, a conclusão pode ser coincidente e vice-versa, mas a verdade é que, em determinados problemas, não é possível realizar esse tipo de raciocínio; se um dos contendores parte da premissa de que Deus não existe, e se o outro começa afirmando que Deus existe e é a “causa primária de todas as coisas”, naturalmente as conclusões vão ser antagônicas. Tudo isto é inerente à parte geral da Filosofia. No entanto, com as noções gerais, aliás indispensáveis, a nossa inteligência fica mais predisposta à apreensão de questões especiais, como a natureza do Espírito, necessidade do perispírito, emancipação da alma, laboratório do mundo invisível etc. Não se pode discutir a ação do Espírito sobre a matéria, problema de natureza especial, sem ter, pelo menos, uma idéia do que seja o Espírito e a possibilidade ou não de sua existência. É questão de método. Na sistematização doutrinária do LIVRO DOS ESPÍRITOS encontramos, portanto, uma parte geral e uma parte especial, com o subseqüente corolário. Ainda na parte geral, certos problemas, apresentados e discutidos pela doutrina espírita, vão incidir forçosamente sobre diversas ciências, porque são problemas atinentes às **propriedades da matéria, à origem da vida, evolução biológica e espiritual, formação dos seres vivos, raças humanas, inteligência e instinto** etc., etc. Com isto, queremos apenas frisar que o Espiritismo é uma doutrina que, como disse Allan Kardec, toca em diversos ramos do conhecimento humano. Não exagerou o Codificador do Espiritismo, pois realmente certos assuntos atinentes ao conteúdo básico do Livro dos Espíritos e de outras obras da Codificação tem relação com algumas ciências, inclusive as chamadas exatas ou positivas. Quando a reencarnação, por exemplo, nos faz pensar na diferença de alguns tipos humanos ou de algumas anomalias fisionômicas, evidentemente nos leva ao terreno da discussão antropológica; se a doutrina discute o princípio da hereditariedade e a formação dos seres vivos, está entrando na seara da Biologia; se, logo, depois, levanta discussão sobre as propriedades da matéria, sua constituição etc., está no domínio da Física; do mesmo modo que, ao tratar das propriedades do perispírito e suas relações com o organismo, não pode deixar de tocar na Fisiologia, e assim por diante.

Passando, agora, à parte especial, vamos encontrar, no conteúdo fundamental d'O Livro dos Espíritos, assuntos inerentes à estrutura da doutrina espírita, como fenômenos psíquicos de sonambulismo, intuição, justiça da reencarnação, esquecimento do passado, o modo por que os espíritos exercem influência nos atos humanos, inutilidade de objetos materiais, como talismãs, e outros. É portanto, uma série de problemas que as concepções básicas vão suscitando a cada passo. Dizemos que são problemas inerentes à estrutura da doutrina espírita, porque embora outras doutrinas espiritualistas tratem dos mesmos problemas, a conceituação e a interpretação do Espiritismo diferem, em determinados aspectos, em relação a outras doutrinas.

A 3ª parte, como se sabe, compreende as **Leis Morais**, já anteriormente citadas. Qual o objetivo do plano geral d'O LIVRO DOS ESPÍRITOS ao deixar as “Leis Morais” para depois? Ainda neste ponto vemos a ordem lógica. Ora, as “Leis Morais” já nos levam para o terreno das aplicações, pois o homem, para obter o necessário equilíbrio físico-espiritual, deve viver em harmonia com as leis divinas, no plano natural e no plano moral. Antes de tudo, é necessário compreender a origem divina da harmonia universal (1ª parte do Livro dos Espíritos), para que se saiba como respeitar as leis divinas. O conhecimento geral é sempre anterior às aplicações. O que aprendemos, ao chegarmos à terceira parte da obra, è justamente COMO PROCEDER EM FACE AS LEIS MORAIS. É o ensino prático ou aplicado, como decorrência do que já sabemos pelo estudo das outras partes. Primeiramente vem a especulação; depois, a aplicação, a vivência, com resultado daquilo que já conhecemos. Temos, pois, na 3ª parte do Livro dos Espíritos, o ensino de caráter pragmático para o nosso comportamento perante as leis naturais, incluindo o mundo físico. Isto quer dizer que a harmonia esta em sabermos respeitar, também, as leis da matéria. A mortificação do corpo não purifica o espírito, como erradamente ensinam certas crenças, e por isso devemos proceder com equilíbrio entre o corpo e o espírito: o que purifica o espírito é o trabalho, é a prática do bem, é a virtude, sem ser necessário sacrificar o corpo. Não diz a doutrina que o corpo é o instrumento do espírito? Se assim é, temos o dever de zelar o nosso corpo, torná-lo útil à ação do espírito. Não se deve chegar ao exagero de maldizer a matéria, chamando-a de coisa imunda, ou imprestável, pois esta concepção está contra a doutrina espírita. Porventura a matéria de nosso corpo também não faz parte do plano geral da obra

divina? Por que, pois, despreza-la ou madize-la, se o corpo merece tratamento cuidadoso, a fim de que o espírito encontre nele um instrumento adequado.

Sensatamente, o Espiritismo desaprova todas as crenças ou práticas que levem ao exagero de sacrificar o corpo, como reprova o desleixo, a negligência em relação ao cuidados corporais. Nosso corpo é digno, desde que saibamos dignificá-lo, assim como podemos transformá-lo em objeto indigno, se praticamos atos atentatórios à integridade física ou se descambarmos para as extravagâncias que degradam. Tudo depende de nosso procedimento, do uso de nosso livre arbítrio, de nossa consciência de responsabilidade, pois a matéria não tem culpa de nossos abusos nem é responsável pelos nossos atos deliberados. Se, na realidade, o espírito sofre a influência da matéria, e a doutrina espírita não desconhece este princípio, também é certo que o Espírito é que comanda os atos humanos. Consequentemente, para viver em harmonia com as Leis Divinas, ninguém deve chegar ao exagero de relaxar a defesa do corpo ou desprezar as regras de higiene, como também não precisa fugir da vida social e das contingências biológicas, alegando o falso pretexto de que é necessário sair do mundo para não cometer pecado. A Doutrina Espírita não ensina isto. Também se pratica o mal pelo pensamento. Cumpre a cada qual, e agora é ensino da doutrina, evitar os abusos, as licenciosidades, os desregramentos etc., mas daí não se segue que o Espiritismo recomende ou aprove um estilo de vida contrário às necessidades naturais e aos padrões regulares da convivência humana. Quem assim pensa está fora do pensamento da doutrina. É claro que, em face do conhecimento adquirido pelo estudo das obras fundamentais da doutrina, os seus adeptos vão, aos poucos naturalmente, modificando os seus costumes, melhorando os seus hábitos, desprezando tudo quanto possa embrutecer ou aviltar o homem. Então, uma vez chegando à este ponto, já podemos compreender que a 3ª parte do **Livro dos Espíritos** mostra ao homem o caminho normal do bom procedimento na vida de ralações, a fim de que não saia do meio termo, isto é, nem se prender demais à matéria, esquecendo o espírito, nem querer viver somente para o espírito, esquecendo a matéria. O bom senso deve ser, sempre, o nosso roteiro. O ideal da vida normal não está no **puritanismo** dos que desprezam o mundo nem está no **imediatismo** dos que só vivem para as coisas do mundo, mas no equilíbrio consciente entre os dois planos, porque ambos são necessários: o material e o espiritual. É o que ensina a doutrina espírita.

Certas atitudes antiquadas ou extravagantes, em observadas em pessoas que não obedecem as aspirações do meio termo, não podem envolver o Espiritismo, porque o espírita esclarecido não pretende **tomar o céu de assalto** nem se apresenta em público com aparências de **santo**. A atitude compatível com o procedimento do espírita é aquela que consiste em se esforçar para ser melhor, mais decente, mais honesto, mais compreensivo, mais equilibrado, sem o aspecto de beato nem de maníaco. Passemos finalmente a 4ª parte da obra.

Devemos encerrar esta série de explicações com a parte final do LIVRO DOS ESPÍRITOS, exatamente a parte que podemos chamar, por nossa conta, de coroamento, porque é a parte que se refere às esperanças e consolações. É, naturalmente, o corolário dos ensinamentos anteriores. Note-se, mais uma vez, a organização metódica da doutrina: antes de tratar de consolações, antes de falar em gozos na vida espiritual, a doutrina dá o conhecimento; mostra as leis divinas; chama a atenção do homem para a compreensão da vida, a começar pelo plano material; desperta-lhe o sentimento de dever e responsabilidade, perante as leis da natureza a fim de que uma vez esclarecido, compreenda conscientemente a sua responsabilidade perante a justiça de Deus. Se, no entanto, a doutrina começasse pelas promessas de consolações como se estivesse anunciando algum paraíso, poderia despertar quando muito, a força da imaginação, mas deixaria de ser, como é, uma doutrina de caráter normativo, uma doutrina de harmonia entre Deus e o mundo, entre a vida material e a vida espiritual. Antes de tudo, é preciso conhecer a natureza, saber comportar-se no mundo, compreender as relações, entre a vida presente e a vida futura; do conhecimento, vem a noção de responsabilidade; da responsabilidade, vem a luta íntima para se tornar melhor, para se harmonizar com as leis divinas. Isto quer dizer, por outras palavras, que a felicidade não se compra à custa de penitências nem de mortificações; nossa felicidade, que é a paz de consciência, é a tranquilidade espiritual, depende da maneira por que preparamos o nosso futuro, isto é, depende das intenções e dos atos que orientam e caracterizam a nossa vida na Terra. “Muito se pedirá aquele a quem muito foi dado” – diz o

Evangelho. Não adianta a devoção puramente mecânica, como não adianta pedir auxílio aos espíritos, se cada qual não procura enquadrar-se nos padrões da dignidade, melhorando o caráter, refinando os costumes, elevando os sentimentos e, acima de tudo, praticando a Lei do Amor, que é a síntese de toda a sabedoria divina. Sem chegarmos a esse estado espiritual, que é preparado progressivamente pela compreensão e pelo esforço próprio, e por isso não pode ser obra de um impulso fervoroso nem de um ato de fé – sem isso, não teremos gozos e consolações.

Não admitindo a idéia de céu nem de inferno ou de purgatório, a doutrina espírita encara o problema da vida futura ou vida de “além túmulo”, como vulgarmente se diz, em termos diferentes da teologia. Para o Espiritismo a vida futura ou vida espiritual pode ser penosa ou tranqüila, luminosa ou trevosa, se o Espírito houver procedido bem ou mal, se abusou de suas faculdades ou se utilizou os recursos humanos para fazer escândalo ou desrespeitar as leis divinas. A experiência da vida terrena, por exemplo, sujeita às leis e necessidades naturais, de que fala a 3ª parte do Livro dos Espíritos, é uma oportunidade para adquirirmos conhecimento e nos melhorarmos moralmente. (Questão nº 192, em combinação com as questões 127 e 365). Se, entretanto, não aproveitarmos a experiência terrena ou não quisermos cuidar da parte espiritual da vida, a responsabilidade é nossa, não é de Deus, não é dos espíritos, não é do destino, palavra de sentido vago, uma vez que temos o livre arbítrio, embora não seja absoluto. Que sucede, então, segundo a filosofia espírita? Voltaremos à terra, uma vez, duas vezes, tantas vezes se façam necessárias, em existências difíceis, até que procuremos o caminho reto das leis divinas. Não há céu nem inferno: o que há é a lei geral de causa e efeito, através da reencarnação.

Vê-se, portanto, que as “esperanças e consolações”, referidas na última parte do **Livro dos Espíritos**, tem relação com o nosso procedimento, com os nossos atos na vida particular e social. Se, na realidade, não há progresso sem experiência, sem aprendizado, também é certo que a experiência resulta do trabalho, do estudo, dos sofrimentos, pois tudo serve de meio para o nosso aperfeiçoamento gradativo. Não fosse as decepções e, às vezes, certas humilhações, certas frustrações, nosso orgulho não seria abatido, e o orgulho é uma forma de escravidão espiritual, é um entrave ao progresso moral; não fossem as dificuldades, as aperturas de vida, não exercitaríamos nossa inteligência; não fossem as **quedas**, finalmente, trazendo crises de consciência, provocando a dor física ou moral, não teríamos oportunidade para reconhecer a nossa ignorância, os nossos erros. Muitas e muitas vezes, precisamos cair para aprender, pois é preciso que desabe o castelo de vaidade e ambições desenfreadas para que o Espírito se compenetre da realidade e possa realizar mais uma etapa de progresso.

Sem mais inveja, ambição injusta, personalismo, a nossa vida interior será muito mais feliz. Intimamente, aquele que chegar a este ponto, terá gozos que o mundo vulgar jamais poderá compreender. É a felicidade subjetiva, que se não confunde com a felicidade artificial das grandezas conquistadas pelo engodo, pela violência, pelos artifícios enganosos. Tudo isto, em suma, é uma preparação para as consolações e para uma vida espiritual mais elevada, mais compatível com o reino de Deus, que não é um reino estático, cercado de esplendores ou fantasias, mas o reino da justiça e do amor. Se, finalmente quisermos ter uma boa vida espiritual, saibamos preparar bem a vida terrena pelo trabalho, pela honestidade, pela prática do bem. É o que nos ensina a doutrina espírita. Temos, com estas explicações, uma idéia geral do conteúdo doutrinário do Livro dos Espíritos, obra absolutamente indispensável a quem quiser estudar seriamente o Espiritismo.

LEITURAS

Relativas a esta série de palestras

1) Quanto à origem da doutrina espírita.

Ler **Prolegômenos**, em seguida à Introdução d’ “Livro dos Espíritos”, pois ai se encontra a primeira indicação.

2) Relativamente ao espírito “Verdade”.

Convém ler, Obras Póstumas, a comunicação de 25 de março de 1856, sob o título “Meu guia espiritual”, pois este assunto é muito interessante senão indispensável à parte histórica da doutrina, visto como aquele espírito, chamado pelo nome de **Verdade**, foi o guia de Kardec na organização d’ O Livro dos Espíritos”.

3) Sobre o LIVRO DOS ESPÍRITOS

Sua origem e as circunstâncias em que se formou.

Indispensável, segundo o nosso modo de ver, a leitura das comunicações de 10 de junho de 1856 e 11 de setembro do mesmo ano, todas contidas em **Obras Póstumas**, de Allan Kardec, II parte. Necessária é ainda a leitura da própria Introdução d’ “Livro dos Espíritos”, para que se tenha, logo de início, uma idéia clara do conteúdo da 1ª obra fundamental do Espiritismo.

4) Critério e comportamento de Allan Kardec durante a organização da doutrina.

Este ponto é também indispensável aos que se iniciam ao estudo regular da doutrina. Como se conduziu Allan Kardec perante os ensinamentos dos espíritos? Qual foi o seu critério pessoal em relação às comunicações? Como procedeu ele com os médiuns? Indicamos, como fonte direta, as declarações do próprio Allan Kardec, na 2ª parte de Obras Póstumas, capítulo intitulado “Minha primeira iniciação no Espiritismo, entre cujas afirmações se lêem as seguintes: **Conduzi-me com os espíritos, como houvera feito com os homens**. Logo adiante: **Apliquei a essa nova ciência o método experimental**. Utilizou-se – diz ele – **do concurso de mais de 10 médiuns**. Ainda sobre o emprego do método experimental, recomenda-se a leitura de Gênese de Allan Kardec, cap. I nº 14. Deve ser lido, indispensavelmente, o cap. III, do **Livro dos Médiuns**, porque trata do método.

5) Vida Contemplativa – Mortificações.

Com referências à participação do homem na vida social, como também aos cuidados inerentes ao corpo., assuntos referidos nesta série de palestras, parece-nos igualmente recomendável a leitura dos seguintes pontos: questões 657 e 718, d’ “**O Livro dos Espíritos**”, assim como o cap. XVII d’ O Evangelho Segundo o Espiritismo, especialmente o n} 10 do mesmo capítulo.

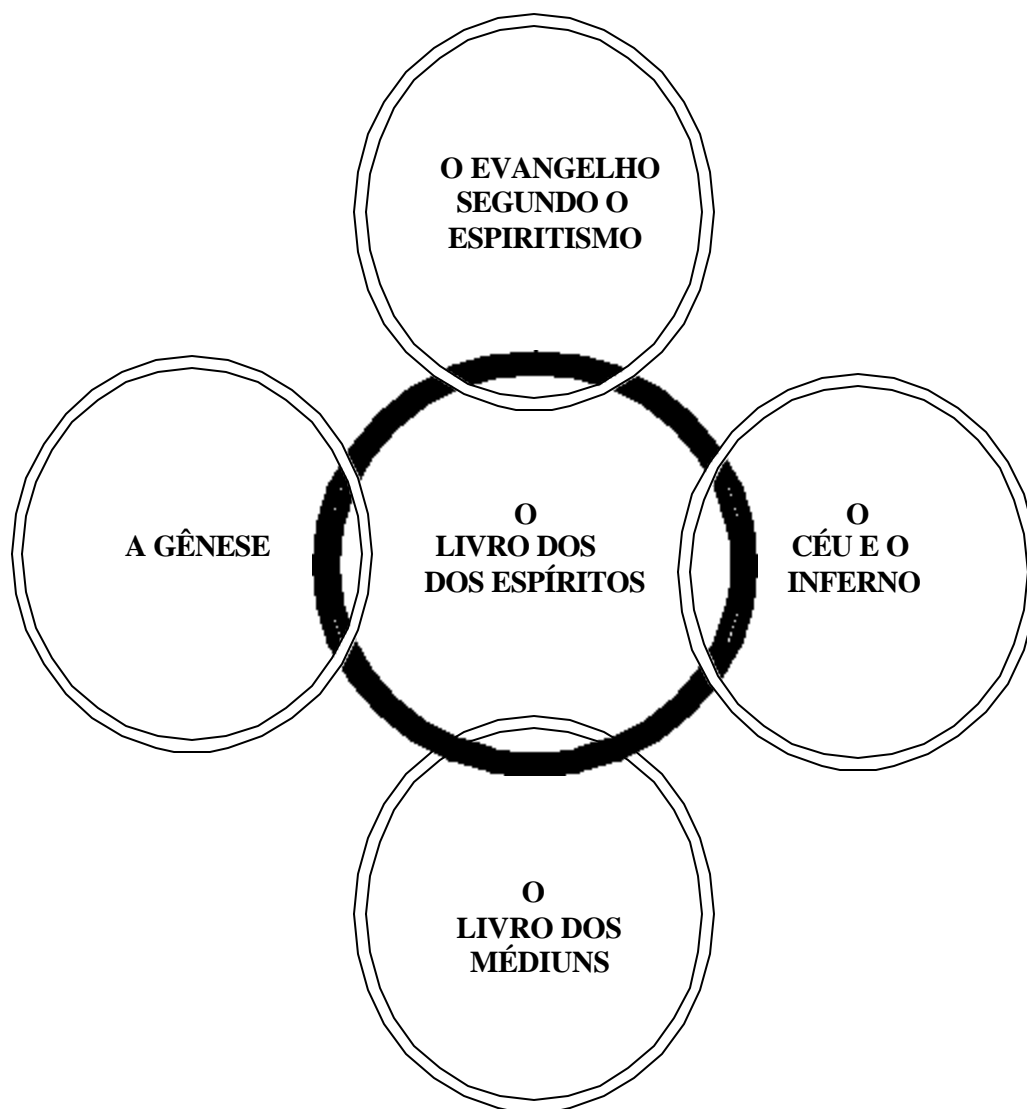
6) O Espiritismo toca em diversos ramos do conhecimento.

Referência a este ponto: **Gênese** cap. I nº 18, parte final. Como leitura indicada, o cap. III, da 1ª parte do “Livro dos Espíritos”, referente à Criação, torna-se igualmente necessária porque naquele capítulo são discutidos diversos problemas inerentes a ciências humanas: **biologia, história, geologia, antropologia** etc. Do mesmo modo, encontram-se no corpo d’ “**A Gênese**”, de Allan Kardec, especialmente nos capítulos VII a XII, problemas que envolvem ao mesmo tempo geologia, astronomia, história, psicologia est. O cap. XIV, da mesma obra, por tratar especialmente dos **fluidos**, abrange até problemas de física, como de **psicologia e fisiologia**.

Já se vê que o Espiritismo entra realmente em diversos domínios da cultura humana.

NOTA – Com o intuito de facilitar o estudo e as consultas, resolvemos citar, no fim de cada série de palestras, as questões ou passagens mais necessárias para a compreensão dos temas estudados. Sabemos, por experiência, que as pessoas ainda não muito familiarizadas com as obras básicas do Espiritismo quase sempre encontram dificuldades quando querem verificar um pensamento ou encontrar determinado assunto, porque não sabem como e onde procurá-lo no corpo da doutrina. Em

que livro? Qual o capítulo? ... Qual é o número da questão a que se refere o assunto procurado ?... Os estudiosos e expositores habituais da doutrina certamente não necessitam mais deste breve auxílio bibliográfico. Como, porém, o nosso estudo tem preocupação didática, julgamos oportuno fornecer aos principiantes ou interessados uma espécie de roteiro, para que possam ir logo à fonte de consulta, no lugar exato. As pessoas que pretenderem desenvolver a sua cultura doutrinária ou enriquecer a erudição naturalmente saberão procurar maiores subsídios na literatura espírita, que já é imensa e cada vez mais vulgarizada. Entretanto, é necessário partir da base. E qual é a base? A Codificação de Allan Kardec. Não é aconselhável fazer estudo de cúpula ou de obras correlatas sem o alicerce das obras fundamentais da doutrina.



2ª Série de palestras

Relações d' O LIVRO DOS ESPÍRITOS com as outras obras da Codificação do Espiritismo

1ª - O Livro dos Espíritos e o Livro dos Médiuns

Antes de apresentar pontos de conexão entre **O Livro dos Espíritos** e **O Livro dos Médiuns** parece-nos oportuno lembrar que a doutrina codificada por Allan Kardec pode muito bem ser figurada como um edifício, cuja coluna central é o Livro dos Espíritos, pois todos os outros são derivações desta obra, na qual se acham os princípios fundamentais da doutrina. Seguindo a ordem cronológica, as obras básicas do Espiritismo surgiram nas seguintes datas: **Livro dos Espíritos** (18 de abril de 1857); **Livro dos Médiuns** (janeiro de 1861); **O Evangelho Segundo o Espiritismo** (abril de 1864); **O Céu e o Inferno** (agosto de 1865); **Gênese** (janeiro de 1868). Já fizemos referência a este assunto no Caderno nº 4. Os dois livros introdutórios – **O que é o Espiritismo** e o **Principiante Espírita** – destinados a pessoas que se iniciam nos estudos espíritas, tratam de questões já desenvolvidas nas obras básicas. Vejamos, como simples ilustrações, o conjunto das obras básicas e a posição d' **O Livro dos Espíritos** na constituição da doutrina espírita.

Depois desta explicação preliminar, já podemos fazer um confronto entre **O Livro dos Espíritos** e o **Livro dos Médiuns**, pela ordem de antigüidades, pois o **Livro dos Médiuns** é que vem logo depois d' **O Livro dos Espíritos**, pela seqüência cronológica. Convém estabelecer, desde logo, duas premissas indispensáveis:

O Livro dos Espíritos contém a generalidade,

O Livro dos Médiuns contém uma parte especial, trata de problemas específicos do Espiritismo.

Podemos, assim, figurar duas ordens de relações: no campo das idéias gerais e no campo das particularidades. Façamos ilustrações no quadro negro.

I – Relações no campo das idéias gerais

EXISTÊNCIA DO ESPÍRITO

“Há Espíritos”?

Livro dos Médiuns, cap. I

“Dos Espíritos” (Sua origem e natureza)

II parte, cap. I, d' **O Livro dos Espíritos**

“O maravilhoso e o sobrenatural

Livro dos Médiuns, cap. II

“Vida espírita”

Livro dos Espíritos, cap. VI da II parte

O Espiritismo exige estudo sério

Problema do método

Livro dos Médiuns, cap. III

Estudo sério e continuidade

Livro dos Espíritos – Introdução, VIII;

Conclusão, parte final da obra

Natureza das comunicações

Classificação e ordens

Livro dos Médiuns, cap. X

Escala espírita. Diferentes ordens de espíritos

Livro dos Espíritos, questões 96 a 100

Neste ligeiro quadro comparativo, queremos apenas dar uma idéia geral dos pontos de correspondência entre **O Livro dos Espíritos** e o **Livro dos Médiuns**, no que toca ao problema inicial da existência do Espírito. Já podemos ver, por ai, o sentido de conexão, de que já falamos, pois iremos verificar, a seguir que todas as obras da doutrina estão relacionadas entre si. D’**O Livro dos Espíritos** – é bom repetir - partem as questões fundamentais, enquanto as outras obras, cada qual cingindo-se a questões especiais, desdobram os princípios gerais, com as necessárias aplicações. Todas elas, porém se prendem à fonte, que é **O Livro dos Espíritos**.

Vejamos, agora, as relações d’**O Livro dos Espíritos** com **O Livro dos Médiuns**, no que toca a certos aspectos especiais. Ilustração no quadro negro.

II – Relações no campo das particularidades

PROBLEMAS OBJETIVOS

Ação dos espíritos sobre a matéria Livro dos Médiuns , cap. I, segunda parte	“Intervenção dos espíritos no mundo corporal” Livro dos Espíritos , cap. IX, 2ª parte
“Visão dos espíritos” Livro dos Médiuns , cap. VI n° 19, 2ª parte	“Dupla vista, sonambulismo” etc. Livro dos Espíritos , questão 447
Problemas da obsessão Livro dos Médiuns , cap. XXIII	Influência oculta dos espíritos, possessos, convulsionários Livro dos Espíritos , questões 459, 473 e 481
“Identidade dos espíritos” Livro dos Médiuns , cap. XXIV	Perispírito, Diferentes ordens de espíritos Livro dos Espíritos , questões 93 e seguintes
Fenômenos de sonambulismo, aparições, Ação do perispírito, dupla vista, Intuição etc. Livro dos Médiuns , cap. XV e XVI	“Emancipação da alma”, Sonambulismo Segunda vista, letargia, catalepsia, etc. Livro dos Espíritos , cap. VIII, 2ª parte

Temos, ai, apenas alguns pontos de coincidência, pois o nosso objetivo é simplesmente deixar claro que existem relações diretas entre os dois livros básicos do Espiritismo. Naturalmente, os que fizerem comparações minuciosas encontrarão ainda outros ensinamentos correspondentes.

Convém lembrar, antes de encerrar esta exposição, que **O Livro dos Médiuns**, apesar de seu título muito simples não é um formulário, uma série de regras para se fazer médium: é, antes, um livro de estudo sério, um tratado amplo da mediunidade, em todos os seus aspectos. Embora “façam parte uma da outra”, como diz o próprio Allan Kardec, são duas obras distintas. Para se entender bem **O Livro dos Médiuns** ou tentar experiências mediúnicas, é necessário ler primeiramente **O Livro dos Espíritos**. É o prudente conselho de Allan Kardec, na introdução do “Livro dos Médiuns”: aqueles que quiserem ocupar-se seriamente da matéria (conteúdo geral d’O Livro dos Médiuns) aconselhamos que

leiam, em primeiro lugar, o “Livro dos Espíritos”, que contém os princípios fundamentais, sem o que certas partes destes seriam dificilmente compreendidas. Necessidade do estudo metódico, portanto. Vejamos, agora, as correlações d’O Livro dos Espíritos com os demais livros básicos da doutrina.

2ª - O Livro dos Espíritos e O Evangelho Segundo o Espiritismo

Cronologicamente, **O Evangelho Segundo o Espiritismo** é o livro que vem logo depois d’**O Livro dos Médiuns**. Tendo sido publicado, como já vimos em abril de 1864. O Evangelho é o 3º livro básico da Codificação. Reúne, como se sabe, um conjunto de ensinamentos morais do Cristo. A preocupação de Allan Kardec, quando incorporou as máximas cristãs à doutrina, foi estabelecer uma espécie de terreno neutro, acima das controvérsias religiosas. Precisamente por isso mesmo, o Espiritismo não entra na discussão de problemas históricos nem exegeticos: fica com a parte moral, que é básica, e se aplica a todos os homens, e deixa os pormenores, as divergências e sutilezas verbais para os especialistas em tais assuntos ou para os que desejarem fazer estudos eruditos. Ao Espiritismo interessa fundamentalmente a parte moral do Evangelho, pois esta é a cúpula da doutrina, como já se disse inúmeras vezes. Como assunto de cultura religiosa, é interessante discutir minúcias, levantar questões sobre o aspecto histórico de certas passagens da vida do Cristo etc.; nada disto, porém, é decisivo para a reformar moral da criatura humana, e este, acima de tudo, é o verdadeiro escopo da doutrina. Claro que se não deve fechar o campo do estudo e da pesquisa histórica. Jamais! Para evitar mais demandas de caráter religioso e a fim de que o Espiritismo ficasse equidistante de polémicas inoportunas, preferiu Allan Kardec, prudentemente, sensatamente, ater-se à parte moral do Evangelho, pois nenhum outro sistema de moral superou, em essência e solidez, aquilo que o Cristo ensinou e exemplificou. Convém notar, entretanto, que o Espiritismo interpreta o Evangelho, não é o Evangelho que interpreta o Espiritismo. É com a chave do Espiritismo que compreendemos o pensamento de muitos ensinamentos fundamentais do Evangelho. Não podemos, pois, estudar o Evangelho, tal qual se acha no **Novo Testamento**, desprezando os recursos e as elucidações da doutrina espírita. Nosso estudo evangélico deve ser feito, sempre, À LUZ DO ESPIRITISMO, para que possamos, assim, compreender o pensamento vivo do Cristo como solução para os problemas do destino humano.

Allan Kardec explica muito bem este ponto na própria introdução d’O Evangelho Segundo o Espiritismo, cuja leitura se torna cada vez mais necessária. A princípio, o Codificador do Espiritismo escolheu, para esse livro, o título de **Imitação do Evangelho**, e é ele quem no-lo diz. Logo depois, entretanto, por sugestão do editor Didier e de outras pessoas, resolveu dar-lhe o título definitivo de **Evangelho Segundo o Espiritismo**. Veja-se bem que o título já exprime a orientação da obra: é o Evangelho Segundo o Espiritismo, não é o Espiritismo segundo o Evangelho. O Evangelho pode ser interpretado segundo o Budismo, segundo o Catolicismo, segundo a Igreja Luterana etc., etc. Cada qual tem a sua interpretação, mas o Evangelho, isto é, a Boa Nova anunciada por Jesus, é um só; a sua mensagem é dirigida a TODOS, sem cogitação de grupos, nem de raças ou de seitas. Ora, a doutrina espírita apoia-se em fenômenos psíquicos e provas mediúnicas; seus raciocínios essenciais são inteiramente concordantes com a tese da reencarnação. Logo, a interpretação espírita, a não ser em determinados pontos gerais, como a existência de Deus e da alma, não pode coincidir com a interpretação católica do Evangelho, nem com a interpretação protestante, por exemplo. Abstendo-se de apreciar questões dogmáticas e pontos de vistas de escolas ou correntes, o Espiritismo extrai do Evangelho a sua substância, isto é, a parte moral, pois a moral do Evangelho está acima de todas as controvérsias e todos os sofismas. O Espiritismo adota a moral de Jesus, porque ela condiz inteiramente com o caráter e os objetivos da doutrina espírita. Passemos, agora, às relações d’**O Evangelho Segundo o Espiritismo** com **O Livro dos Espíritos**.

Ensino Coletivo

“Concordância Universal”
Introdução d’ **O Evangelho Segundo o Espiritismo**, parte II

Origem da doutrina espírita. Ensino dos espíritos
O Livro dos Espiritismo
“Espírito de Verdade” Prolegômenos

Espiritismo e Cristianismo

“Complemento dos ensinamentos do Cristo”
O Evangelho Segundo o Espiritismo
Cap. I nº 7 e 8

A doutrina espírita e a moral de Jesus
O Livro dos Espíritos, questões 625-627
Também na parte final do mesmo livro
Conclusão, seção VIII

Pluralidade dos mundos

“Há muitas moradas na casa do meu pai”
O Evangelho Segundo o Espiritismo
Cap. III; nº 25

Encarnação em diferentes mundos
Mundos transitórios
O Livro dos Espíritos, questões 172, 234 e 235

Reencarnação em planetas inferiores

O Evangelho Segundo o Espiritismo
Cap. III nº 5

O Livro dos Espíritos
questões 174, 178 e 192.

Ressurreição e Reencarnação

O Evangelho Segundo o Espiritismo
Cap. IV

O Livro dos Espíritos
“Pluralidade das existências”
questões 166 a 196

Reencarnação em planetas inferiores

O Evangelho Segundo o Espiritismo
Cap. III nº 5

O Livro dos Espíritos
questões 174, 178 e 192.

Esquecimento do passado

O Evangelho Segundo o Espiritismo
Cap. V nº 11

O Livro dos Espíritos
questões 392 a 398

Suicídio

O Evangelho Segundo Espiritismo
Cap. V n° 14

O Livro dos Espíritos
questões 943 a 955

O Consolador Prometido

O Evangelho Segundo Espiritismo
Cap. VI n° 3 – cap. XXIII n° 17

O Livro dos Espíritos
questões 627

Inimigos desencarnados

O Evangelho Segundo Espiritismo
Cap. XII n° 5

O Livro dos Espíritos
questões 295 e 296, 459 a 480 e 549

Problemas do parentesco

O Evangelho Segundo Espiritismo
Cap. XIV n° 8

O Livro dos Espíritos
questões 203 a 217

Problema da propriedade

O Evangelho Segundo Espiritismo
Cap. XVI n° 9-15

O Livro dos Espíritos
questões 880 a 885

Livre arbítrio e determinismo

O Evangelho Segundo Espiritismo
Cap. IX n° 10 – cap. XXVII n° 6 a 12

O Livro dos Espíritos
questões 368, 843 a 867

Cuidado com o corpo

O Espiritismo reprovava o desleixo corporal, a maceração e as privações voluntárias.

O Evangelho Segundo Espiritismo
Cap. V n° 26

O Livro dos Espíritos
questões 718 a 721

Vida Social

O Espiritismo não aprova o isolamento sistemático, a fuga aos deveres humanos.

O Evangelho Segundo Espiritismo
Cap. XVII nº 10

O Livro dos Espíritos
questões 766 a 772

O Espiritismo e a moral do Evangelho

O Evangelho Segundo Espiritismo
Cap. XVII nº 4

O Livro dos Espíritos
questões 625 e 627, também na **Conclusão** do Livro, parte final, seção VIII.

Orar bem

O valor da prece não está nas palavras ou na atitude, mas no sentimento.

O Evangelho Segundo Espiritismo
Cap. XXVII nº 4 e 15

O Livro dos Espíritos
questão 660

Necessidade da instrução

O Evangelho Segundo Espiritismo
Cap. VI nº 5 “amai-vos... Instrui-vos.”

O Livro dos Espíritos
Questões 192, 365 e 791

Com estas referências, que são apenas indicações, poderão os principiantes ou interessados verificar os pontos de correlação entre O Evangelho segundo o Espiritismo e O Livro dos Espíritos, obras básicas da doutrina. Poderão ir mais longe, procurando outros liames entre as duas obras. Queremos, apenas, dentro de nosso plano de trabalho, mostrar o entrosamento, como já fizemos ver desde o começo de nossos estudos doutrinários. O Evangelho – nem é preciso dizê-lo – é o nosso código de procedimento. Devemos, porém, interpretar o Evangelho à luz da doutrina espírita e, não, fazer dele uma espécie de breviário. Os ensinamentos do Cristo nos chamam à responsabilidade a todo o momento e em todas as situações da vida. É inútil esperar graças dos céus sem esforço próprio, sem fazer por merecer. É o próprio Cristo quem diz: **A cada um segundo as suas obras.** O espiritismo pela via da razão esclarecida, nos faz compreender, não a letra, mas o espírito do Evangelho, que é a bússola de nossa vida, desde que nos compenetrems de que precisamos realizar, antes de tudo, a nossa reforma íntima para podermos colocar o “Reino de Deus” em nós, como recomendou Jesus.

3ª - O Livro dos Espíritos e O Céu e o Inferno

Depois da publicação d'**O Evangelho segundo o Espiritismo**, vem **O Céu e o Inferno**, por ordem cronológica. Esta última obra saiu em agosto de 1865, e tem a seguinte denominação original: Esta última obra saiu em agosto de 1865, e tem a seguinte denominação original: **O Céu e o Inferno** ou **a Justiça de Deus segundo o Espiritismo**. É uma obra que tem, como se vê, imediatas relações com **O Livro dos Espíritos**, porque trata especialmente da vida futura e das questões atinentes à justiça divina. Poderíamos dizer que é o livro em que se discutem os problemas teológicos. De fato a teologia tem as suas concepções de inferno, céu, purgatório, paraíso etc., e com isto se formam dogmas tradicionais. Foi precisamente para examinar esses problemas à luz do Espiritismo que Allan Kardec incluiu uma obra especial, com o título de **O Céu e o Inferno**, no corpo da Codificação. O livro está dividido em duas grandes partes: a 1ª parte consiste na discussão doutrinária acerca da morte, bem como a respeito de demônios, anjos, penas eternas e outros ensinamentos teológicos: a 2ª parte reúne, como elemento de confirmação, diversas comunicações de Espíritos, nas quais se apresenta o problema da morte de modo objetivo. É, portanto, a parte prática, corroborando a teoria. É um livro necessário, como os outros, tanto mais quanto o problema da justiça divina é fundamental para a doutrina espírita. Sem uma explicação lógica deste problema, a filosofia do Espiritismo ficaria sem um ponto de segurança quanto ao destino humano, uma vez que todas as discussões filosóficas dizem respeito, no fundo, ao grande problema de se saber se existe realmente uma justiça acima da justiça humana e qual o nosso destino após a morte: o céu, o estado nirvânico, o inferno, o purgatório, a beatitude indefinida, o nada absoluto dos materialistas radicais?... Afinal, para onde vai a alma?... Tudo isso sempre causou preocupação ao homem, em todos os tempos. Os teólogos e os filósofos escreveram muito, mas não deram uma resposta inteiramente satisfatória ao problema.

Fazia-se necessário, para o Espiritismo, um livro que tratasse, especialmente, de tais problemas, visto como os outros livros se preocupam com assuntos diversos, embora partindo da mesma base. A doutrina espírita, como um todo, não poderia ficar incompleta. Daí a importância de uma obra com **O Céu e o Inferno**, parte integrante da Codificação do Espiritismo. Depois desta sucinta introdução, podemos examinar as relações d'**O Céu e o Inferno** com **O Livro dos Espíritos**, de acordo com o plano desta série de estudos.

O problema da morte em face do Espiritismo

O Céu e o inferno

Os primeiros capítulos dizem respeito a dois problemas que se completam.

O porvir e o nada; causas do temor da morte.

O Céu e o inferno

Capítulos III, IV, V, VI:

Céu, inferno, purgatório, doutrina

Das penas eternas.

Mostra que é impossível conciliar tais

Concepções com a doutrina espírita,

Cuja filosofia tem por base a reencarnação

O Livro dos Espíritos

No cap. III da 2ª parte (questões de 149 a 165)

o problema da morte é discutida amplamente, com a idéia fundamental de que o **porvir** do espírito destrói a idéia negativa do **nada**

O Livro dos Espíritos

A reencarnação explica a sabedoria da justiça divina, com este princípio:

“o bom pai deixa sempre aberta a seus filhos uma porta para o arrependimento”.

Questões 166 a 171.

O Céu e o inferno

Discussão sobre anjos e demônios,
Nos capítulos VIII, IX e X da 1ª
Parte, mostrando que tais noções
São apenas ficções teológicas.

O Livro dos Espíritos

“Anjos” e “demônios”: questões 128 a 131
Diferentes ordens de espíritos:
Questões 96 a 126

O Céu e o inferno

“ As penas futuras, segundo o Espiritismo”. Teoria de que a carne é fraca... Capítulo VII: discute-se, neste capítulo, a influência do organismo sobre as tendências viciosas, pois a tese espírita, não abonando incondicionalmente o pretexto de que “a carne é fraca”, por ser contrário ao princípio do livre arbítrio, mostra que as tendências para a animalidade, como para o vício e o crime, decorrem do atraso do espírito. É o espírito que influi sobre a carne e, não a carne sobre o espírito. Mais adiante, porém, a doutrina mostra, no Livro dos Espíritos (questão 367) que há influência recíproca entre o corpo e o espírito. Todavia, quanto mais elevado é o espírito, menor é a influência do corpo sobre ele. Logo, o homem não pode querer justificar os seus vícios e os seus abusos com a desculpa corrente de que “a carne é fraca”. O problema exige considerações.

O Livro dos Espíritos

Questões 958 a 989. Todo o problema das “penas futuras” esta discutido e interpretado no desenvolvimento suscitado por essas questões, à luz da reencarnação.

Quanto ao problema do livre arbítrio em face das imposições da matéria e dos instintos, as questões 367, 711, 712, 845, 846 a 850 elucidam as idéias discutidas sobre o assunto, dizendo claramente qual é a posição da doutrina espírita em face da tais problemas. Vê-se, finalmente que **O Livro dos Espíritos**, como fonte básica, fornece os elementos primordiais para a compreensão dos problemas propostos n’**O Céu e o Inferno**.

Diz a doutrina: “O instrumento não dá a faculdade. Tendo o homem o instinto de assassino, seu próprio Espírito é quem possui este instinto...”

Temos, ai, nesse confronto, a concordância entre as duas obras doutrinárias: **O Céu e o Inferno** e **O Livro dos Espíritos**. A primeira desdobra o que está na segunda obra, condensado em princípios gerais. Se, por um lado, a teoria da **penas eternas**, por exemplo, é inconciliável com a doutrina espírita, principalmente porque é contrária à própria idéia da bondade divina, também é certo, por outro lado, que o Espiritismo não nega a existência da sanção na vida futura. A toda falta corresponde uma sanção. O provérbio popular esta certo: quem faz aqui ou al, paga... Ao invés de admitir “penas eternas”, o que é inconcebível, a doutrina espírita faz sentir o homem que o princípio de RESPONSABILIDADE INDIVIDUAL permanece no tempo e no espaço. Isto quer dizer que, se a criatura humana fez o mal, a responsabilidade fica, e continua para além da sepultura, na “outra vida”, como se costuma dizer; tanto faz mudar de pais ou trocar de nome, tanto hoje como daqui a um século, a dívida não desaparece. O faltoso pagará, cedo ou tarde, o último ceitil, como diz o Evangelho. Pagará... como? Indo para o inferno? Ficando eternamente sob as penas implacáveis? Não! Ensina a doutrina espírita que a lei moral esta na consciência de cada um de nós, e é justamente essa lei que nos acusa ou nos absolve, no foro íntimo. A consciência não morre, porque o espírito é imortal, e se a consciência não morre, a responsabilidade não se extingue no túmulo, pois continua a acompanhar o espírito em todos os seus passos. A reencarnação é, portanto, o meio qual o espírito volta à terra, pagando o último ceitil, para que se cumpra toda a Lei.

A reencarnação é também um meio de progresso. O espírito faltoso paga o que fez, mas pode, a seguir, realizar o seu progresso através do trabalho e da virtude. Não há um ponto final na jornada do espírito. O inferno seria esse ponto final, em contraposição à própria lei do progresso. A idéia de inferno é uma negação da sabedoria e misericórdia divina. O Espiritismo leva o homem a compreender em primeiro lugar, que, sendo o espírito imortal, todas as nossas faltas, como todas as nossas virtudes ficam no acervo ou na bagagem do espírito, e não vão influir no progresso ou no retardamento futuro; em segundo lugar, que a responsabilidade pelas faltas ou pelos crimes ocultos ou descobertos, obriga a volta do espírito a novas existências, pelo fio inevitável da reencarnação. Se assim é, não adianta encobrir, não adianta disfarçar, porque a verdade vai aparecer, de qualquer forma. Justamente por isso mesmo, o espírito deve ter uma consciência do dever muito lúcida e ativa, porque já sabe que, embora possa fugir ao julgamento da justiça humana, não escapa às acusações de sua consciência nem foge ao cumprimento da Lei Divina. Não há mérito em proceder bem sob a vigilância de um fiscal ou com medo dos Tribunais. O mérito está exatamente na ação que o indivíduo pratica, em razão da consciência do dever, ainda que não esteja sendo observado. O homem de bem, aliás, não precisa ser fiscalizado para cumprir os seus deveres. Antes da lei escrita, existe a lei moral, gravada na consciência. Há pessoas que, embora sejam crentes, embora se digam religiosas, ainda não compreenderam bem o problema da responsabilidade futura. Tais pessoas, (algumas delas são pontuais em suas devoções), cometem os atos mais ilícitos, praticam as ações mais vergonhosas e pensam que, iludindo a sociedade ou conseguindo ser absolvidas pela justiça humana, à custa de amizade influentes ou de recursos da terra, já resolveram o seu problema... Que engano!... E a justiça divina? E o tribunal da consciência? E a responsabilidade do espírito? Quantos indivíduos existem, por toda parte, que passam entre os homens como anjos ou modelo de honestidade, mas têm uma vida negra, cheia de mazelas morais, encobrendo os piores crimes contra a honra e a propriedade alheia! Depois da morte, qual será a situação desses indivíduos, que enganaram a todo o mundo, mas não enganam a Justiça Suprema? Irão para o inferno, ensinam os teólogos. Não há inferno, diz o Espiritismo, o que há é uma lei de responsabilidade, lei justa e universal, fundada no princípio de causa e efeito. Então, por força da Lei Divina, que não é omissa nem faz distinção, o indivíduo reencarna, vem sofrer e aprender até reparar o mal que praticou, reconstruindo os lares que destruiu. Certas afinidades ou simpatias, na terra, entre pessoas de condição intelectual e social muito diferente, muitas vezes são casos de compromissos passados. Foi um lar destruído na existência anterior; foi um direito usurpado por meio de arranjos e sofismas, e assim por diante. O espírito devedor volta à terra, vai reencarnar, em determinados casos, no seio da mesma família onde se encontra a vítima de outrora, a fim de que dê a reparação. A sociedade tem muitos e muitos desses dramas, que muita gente não compreende. Muitas vezes um compromisso do passado ou compromisso cármicos, na linguagem teosófica, vem quebrar preconceitos, alterar uma tradição secular no seio de uma família, para que dois espíritos se reconciliem. Tudo isto é o fio da reencarnação, manifestando a sabedoria de Deus. A noção de inferno desaparece, à luz da própria razão, porque a filosofia espírita, fundamentada na reencarnação ou tese das “vidas sucessivas”, nos dá uma noção mais compatível com a compreensão de Deus, com “pai justo e misericordioso”, numa um juiz impassível e vingador. É isto, em suma, o que se encontra na obra **O Céu e o Inferno**, em conexão com **O Livro dos Espíritos**.

4ª - O Livro dos Espíritos e A Gênese

Chegamos, pela ordem cronológica, ao último livro da Codificação de Allan Kardec: **A Gênese**. É certo que o codificador da doutrina deixou outro livro, cujo título já indica publicação posterior à desencarnação do Autor: **Obras Póstumas**. Trataremos dele no fim desta série. Nosso estudo, agora, prende-se às conexões entre **A Gênese** e **O Livro dos Espíritos**. Convém lembrar, inicialmente, que **A Gênese** se divide em três partes: a gênese propriamente dita, isto é, as aplicações do Espiritismo em face dos problemas da origem do homem e da vida; a interpretação dos chamados “milagres” à luz do Espiritismo e, por fim a interpretação espírita das predições. A 1ª edição foi publicada em 1868, em Paris. É um complemento das outras obras, com exceção apenas de algumas teorias “ainda hipotéticas”. É o que nos diz Allan Kardec, como criteriosa advertência, no prefácio da 1ª edição.

Como ligeira notícia histórica, devemos recordar que **A Gênese** foi publicada exatamente quando a França, estava na inquietante expectativa da guerra franco-prussiana. Em 1870, dois anos depois do aparecimento do livro, a França esteve sob a ocupação alemã, tendo mobilizado toda as suas energias e todos os seus recursos para se libertar do inimigo. Convém notar que o Espírito instrutor de Kardec, prevendo a brutalidade dos acontecimentos que deveriam abalar profundamente a Nação, aconselhou que se não retardasse a publicação da obra. Dizia, então, a entidade orientadora: **urge pô-la em execução, sem demora e apressar-lhe quanto antes a publicação. É preciso que a primeira impressão já se tenha produzido nos espíritos, quando estalar o conflito europeu**. Ponderava o Espírito comunicante, e com razão, que, uma vez desencadeada a luta, todas as preocupações do povo se concentrariam nos problemas da guerra e, assim, não haveria ambiente para se pensar, com calma, nos altos problemas filosóficos. Além de tudo, os fatos se passavam em Paris, e a dominação alemã, como realmente se deu em 70, iria perturbar toda a vida da Cidade. Haveria, depois, lugar tranquilo para reuniões espirituais? A situação de uma Cidade ocupada por tropas inimigas é de incerteza e apreensões, senão de caos... Por tudo isso, e querendo ver a obra terminada quanto antes, o instrutor espiritual recomendou a Kardec a conclusão da obra, antes do conflito europeu. Pouco depois, apesar da saída rápida que tivera o livro, veio outra comunicação, recomendando uma revisão e o lançamento imediato de nova edição;

Passemos, depois disto, ao conteúdo geral da obra, antes de examinarmos as suas concordâncias com o **Livro dos Espíritos**. É **A Gênese**, na realidade, um dos livros mais complexos da Codificação do Espiritismo, porque abrange assuntos muito diferentes, em função da doutrina espírita, sem prejudicar a unidade do conjunto e o objetivo primordial. Podemos dividir a matéria desse livro, sumariamente, em seis seções, apenas para efeito didático, na seguinte ordem:

I - Problemas filosóficos:

"Caráter da revelação espírita - Existência de Deus - Natureza Divina - O bem e o mal - Instinto e inteligência - Destruição dos seres vivos etc.

II - Problemas científicos, atinentes às seguintes ciências:

a) - **física** - a matéria, as leis e as forças; b) - **astronomia** - sóis e planetas, satélites, espaço e tempo, problemas de uranografia etc.; c) - **geologia** - esboço geológico da terra, período geológicos, teorias sobre a formação da terra etc., etc. d) - **biologia** - formação dos seres vivos, discussão sobre geração espontânea, homem corpóreo, condições de vida na terra; e) - **psicologia** - psíquica, sonambulismo, sonhos dupla vista, aparições etc.

III - Problemas bíblicos à luz da ciência:

a) - Raça adâmica, "doutrina dos anjos decaídos", gênese mosaica, paraíso, sistemas cosmogônicos.

IV - Problemas de interpretação evangélica, à luz do Espiritismo:

a) - Natureza de Jesus, os chamados "milagres" em face do Espiritismo; b) - fenômenos de bilocação, "dupla vista" e outros, referidos nas descrições evangélicas; c) - passagem da vida de Jesus; d) - presciência.

V - Problemas doutrinários:

a) - Reencarnação, os fluídos e suas propriedades, ação dos Espíritos sobre os fluídos; b) - fotografia do pensamento; c) - manifestações físicas, mediunidade; d) - obsessões e possessões; e) - perispírito etc.

VI - Problemas morais:

a) - Sinais dos tempos; b) - influência das comunicações dos Espíritos na renovação da humanidade; c) - espírito da solidariedade; d) - harmonia entre o progresso intelectual e o progresso moral; e) - prevalência do progresso moral.

Em linhas gerais, estão aí mencionados os problemas que formam o conteúdo d' **A Gênese**. É oportuno lembrar que Allan Kardec, com a prudência de sempre, principalmente a respeito de certas teorias relativas à formação da terra e tantos outros assuntos, não faz afirmações apriorísticas, mas apenas cita idéias que eram correntes na época em que escreveu a obra. Vê-se, pelo simples quadro das matérias, que Allan Kardec era um homem de grandes conhecimentos. Não sendo propriamente um **especialista**, não sendo geólogo nem astrônomo, por exemplo, tinha uma cultura geral muito sólida, grandemente auxiliada pela cultura espiritual. Era o que se pode chamar, com inteira propriedade, verdadeiro tipo de humanista. Tanto na parte intelectual quanto na parte moral, Allan Kardec estava portanto, à altura da missão que lhe consagrou o nome e a obra.

Vejam, agora, as correlações entre **A Gênese** e **O Livro dos Espíritos**, embora em linhas gerais:

O Espiritismo e o Evangelho

"**A Gênese**" afirma, no cap. I nº 41, que o Espiritismo, longe de negar ou destruir o Evangelho, vem confirmar e explicar tudo quanto disse o Cristo.

A mesma afirmação, por outras palavras, está n'**O Livro dos Espíritos**, na questão 627, com desenvolvimento na conclusão da obra, seção VIII.

Sobre este ponto, **A Gênese** e **O Livro dos Espíritos** estão igualmente em concordância com a afirmação feita no cap. XVII nº 4, d'**O Evangelho segundo o Espiritismo**, quanto ao fato de não Ter o Espiritismo criado moral nova, porque a sua moral é a de Jesus.

Instinto e inteligência

A Gênese: cap. III n° 11

O Livro dos Espíritos: questões 71 a 75.

Lei de destruição

A Gênese: cap. III n° 20

O Livro dos Espíritos: questões 728 a 741.

Problemas relativos à formação da terra, princípio vital, diversidade dos mundos

A Gênese: Cap. VI n° 58 e capítulos VIII, IX e X.

O Livro dos Espíritos: "Introdução", ponto II; questões 37, 43, 55 a 58.

Origem e natureza dos Espíritos

A Gênese: Cap. XI n° 1 a 9.

O Livro dos Espíritos: questões 76 a 92.

Reencarnação

A Gênese: Cap. XI n° 17 a 37.

O Livro dos Espíritos: questões 132 e 133; 166 a 168.

Perispírito

A Gênese: Cap. XIV n° 7 a 22.

O Livro dos Espíritos: questões 93 a 95. (Pontos de referências para estudos mais desenvolvidos).

Emancipação da alma, fenômenos de sonambulismo etc.

A Gênese: Cap. XIV.

O Livro dos Espíritos: questões 413 a 455.

Conhecimento do futuro

A **Gênese**: Cap. XVI.

O Livro dos Espíritos: questões 330, 522, 523, 524.

"Pactos", amuletos, magia

(O Espiritismo reprovava o uso de amuletos, medalhas, sinais, práticas de magia).

A **Gênese**: Cap. I nº 19.

O Livro dos Espíritos: questões 549 a 555.

O mesmo assunto está referido na obra "**O Céu e O Inferno**" cap. X nº11, I parte. Seguindo a mesma ordem de concordância de pensamento, a reprovação do uso de talismãs, fórmulas sacramentais etc., aparece também no cap. XVII nº 203e cap. XXV nº 282, 17º d'**O Livro dos Médiuns**.

Progresso moral e intelectual

A prevalência do progresso moral está prevista no cap. XVII, nº 18 e 19 d'**A Gênese**, quando diz que **só o progresso moral pode assegurar aos homens a felicidade na terra...** Todavia o progresso intelectual também é necessário, e seria contra-senso relegá-lo no plano das aquisições do Espírito. A doutrina encarece a necessidade do conhecimento, como **meio**, tendo como coroamento o progresso moral.

A mesma idéia está n'**O Livro dos Espíritos**, nas questões 192 e 365, mostrando que o homem deve progredir intelectual e moralmente. A questão nº 7912 chega a dizer que o progresso intelectual é **flor**, o progresso moral é **fruto**, e a flor vem a antes do fruto. Isto que dizer que, antes, se realiza o progresso intelectual, mas é indispensável chegar ao progresso moral.

Chegamos ao fim de nossos estudos comparativos. Com alguns exemplos apenas, procuramos mostrar os pontos em que mais se verificam as combinações de idéias entre **O Livro dos Espíritos** e **A Gênese**. Existe, portanto, um sentido geral de interdependência entre todas as obras da Codificação da doutrina espírita. E por isso ela é chamada, com propriedade, um **corpo de doutrina**, porque todas as suas partes se ajustam harmonicamente.

5º - Obras Póstumas

Este último livro não pode ser posto à margem, entre as fontes de consultas da doutrina espírita, conquanto a sua parte geral seja apenas um desdobramento de questões já interpretadas nos outros livros, com base, é claro, na obra inicial: **O Livro dos Espíritos**. Convém notar, entretanto, que a **matéria de Obras Póstumas** esclarece e COMPLETA o sentido de muitos pontos básicos da doutrina codificada. Tendo Allan Kardec deixado, em manuscrito, diversos estudos e apontamentos com os quais pretendia escrever um livro de remate para reafirmar e esclarecer alguma coisa que já estava no corpo da doutrina, discípulos seus tomaram a iniciativa de reunir o material e formar, assim, mais um

livro, com o título de **Obras Póstumas**. Na parte propriamente doutrinária, há muitas idéias esclarecedoras. Vejamos, por alto, o conteúdo da obra:

I - Preliminares

- a) - Biografia de Allan Kardec.
- b) - Discurso de Camille Flammarion, à beira do túmulo de Allan Kardec. Foi nesse memorável discurso que Flammarion chamou Allan Kardec "o bem senso encarnado".

II - Problemas doutrinários

- c) - Deus, a alma e a criação.
- d) - Manifestações dos Espíritos e suas conseqüências religiosas.
- e) - Perispírito, fenômenos diversos, como transfigurações, bi-coporeidade, "vista dupla", invisibilidade etc.
- f) - Fenômenos psíquicos: telepatia, previsões, sonambulismo etc.
- g) - Mediunidade, obsessão, possessão.

III - Problemas evangélicos

- h) - Natureza do Cristo, "Milagres", predileção dos profetas, palavras de Jesus etc.
- i) - Teoria da beleza, música celeste, música espírita etc.

IV - Problemas filosóficos sociais

- j) - As cinco alternativas da Humanidade.
- k) - Influência perniciosa do materialismo.
- l) - "Liberdade, Igualdade e Fraternidade".
- m) - Aristocracia intelecto-moral.
- n) - "Ligeira resposta aos detratores do Espiritismo".

V - História da formação da doutrina espírita

- o) - Comunicações de Espíritos, com a indicação das respectivas datas, relativas às primeiras atividades de Allan Kardec, neste terreno.
- p) - Comunicações sobre circunstâncias em que foram elaborados os livros da Codificação.
- q) - A missão de Allan Kardec.

VI - Projeto de organização do Espiritismo

- r) - Problemas das cisões.
- s) - Curso regular de Espiritismo.
- t) - Problema de chefia etc.

VII - Princípios fundamentais da doutrina espírita, reconhecidos por verdades inconcussas.

Já se pode ver, portanto, que a matéria doutrinária de **Obras Póstumas** está em concordância com **O Livro dos Espíritos, O Evangelho segundo o Espiritismo, O Livro dos Médiuns, O Céu e O Inferno** e **A Gênese**. Há, porém, uma circunstância muito importante. É que a obra foi elaborada já

depois de organizada a Codificação da doutrina. Entre a publicação d'**O Livro dos Espíritos** e **A Gênese** (1857 a 1868) decorreu um espaço de tempo de 11 anos. Justamente por isso mesmo é que a leitura de **Obras Póstumas** se torna cada vez mais necessária aos espíritas, porque traz muitos esclarecimentos que alargam e, como já foi dito, completam o sentido de certos ensinamentos básicos. A leitura de **Obras Póstumas** facilita a compreensão de alguns pontos delicados, porque fornece novos elementos de exame.

É interessante observar que, embora tenha sido escrita depois, a obra não destrói nenhum dos princípios básicos da doutrina, mas acrescenta expressões subsidiárias em que os REFORÇAM à luz de raciocínios conseqüentes. Muita gente não sabe, por exemplo, que o Espiritismo se preocupa seriamente com o problema da Arte, mas no sentido de elevá-la, espiritualizá-la, justamente para evitar que a arte seja banalizada. Infelizmente, porém, certos programas chamados "artísticos", apresentados em reuniões festivas de caráter espírita, são a mais grosseira desfiguração da arte espiritualizada. Ao invés de se procurar refinar a Arte cada vez mais, segundo as previsões do Espiritismo, o que se tem feito, em muitos casos, é transplantar para o meio espírita, sem noção de propriedade nem de estética, o que há de mais vulgar, mais inexpressivo ...

Pois bem, há uma parte de **Obras Póstumas** especialmente relativa ao problema da Arte em face do Espiritismo. É provável que haja, por aí, muitos espíritas que ainda não leram **Obras Póstumas**. E quem não leu este livro ainda não está suficientemente informado a respeito de uns tantos pontos capitais da doutrina. É precisamente em **Obras Póstumas** que Allan Kardec confirma, de modo categórico, o aspecto religioso do Espiritismo quando diz que o Espiritismo é uma doutrina filosófica de "CONSEQUÊNCIAS RELIGIOSAS". Isto é fundamental na doutrina. É também através de **Obras Póstumas** que Allan Kardec faz sentir claramente, para evitar desvirtuamentos, o que o Espiritismo NÃO É UMA RELIGIÃO CONSTITUÍDA (Veja-se, na I parte do Livro, o capítulo intitulado: **Ligeira resposta aos detratores do Espiritismo**). A falsa noção de tolerância, que é mais uma tendência disfarçada para acomodações esdrúxulas e incoerentes, chega ao exagero de permitir que se introduzam em sociedades espíritas objeto de culto material, imagens e cerimônias absolutamente inadequadas ao caráter da doutrina, quando o Codificador afirmou textualmente que o Espiritismo não é uma religião constituída, pois não tem ritual, nem sacerdote, nem quadros de santos ou imagens, como não necessita de velas, incenso e outros objetos de igreja. Tolerância é respeito às idéias alheias, não é adesão, não é "mistura" de crenças e práticas religiosas. (Já dissemos em nosso Caderno nº 3 qual conceito de religião, segundo o Espiritismo). O Espiritismo tem um aspecto religioso, porque a idéias de Deus lhe é fundamental e, além disso, a doutrina vai ter às bases da religião: Deus, a alma e a vida futura. É o que se lê, ainda em **Obras Póstumas**. E para que se cultive sinceramente o sentimento religioso não é necessária a adoração material nem a instituição de hierarquia sacerdotal.

Outro ponto muito bem esclarecido, em **Obras Póstumas**, é o que diz respeito à definição de **espírita**. Muita confusão se tem por causa deste assunto; no entanto Allan Kardec deixou claro o problema quando afirmou que **ESPÍRITA** é quem aceita os princípios da doutrina e com eles **conforme a sua moral**. Não basta ser médium, como não basta **acreditar** na comunicação dos Espíritos ou freqüentar sessões mediúnicas para ser **espírita**: é preciso aceitar a doutrina, concordar com os seus princípios básicos. (Leia-se indispensavelmente o que está escrito por Allan Kardec, na 2ª parte de **Obras Póstumas**, no capítulo intitulado: "Constituição do Espiritismo", na seção VIII e, especialmente, a seção X, nas últimas páginas).

Diz-se, por exemplo, que no Espiritismo não há mestres. Faz-se disto uma espécie de dogma. Não há mestres, realmente, e nem Jesus se intitulou **mestre**, como Allan Kardec nunca se apresentou como mestre. Não há mestre, no sentido absoluto, mas não pode deixar de haver **ensino**, e os que sabem mais devem ensinar aos que sabem menos.

Claro que não há nem poderia haver lugar para uma **cátedra** de mestre no Espiritismo, mas também é claro que há necessidade do estudo metódico e do aprendizado, pois os que ainda não sabem, porque não estudaram a doutrina ou não dispõem de tempo e meios para estudos regulares,

devem **aprender** com os que estudam mais, para que possam, depois, ensinar aos outros. Como homem culto e sensato, Allan Kardec pensava assim, entanto isto é certo, que ele próprio cogitou, logo cedo, da organização de um CURSO REGULAR de Espiritismo, para evitar os inconvenientes da improvisação desarticulada, sem lastro, sem ordem, sem conhecimento seguro. O curso está previsto no Projeto de 1868, com o qual pretendia Allan Kardec fazer um trabalho de coroamento de sua obra, pois o plano grande e complexo. Tendo desencarnado no dia 31 de março de 1869, não chegou a divulgar e muito menos iniciar a execução do plano. Seus discípulos tiveram, felizmente, o cuidado de incluir o trabalho de **Obras Póstumas**, no capítulo intitulado "Projeto-1868".

Há, em nosso movimento, quem não goste de ouvir falar em **curso** de Espiritismo, por entender que esta palavra dá idéia de **academia, doutorado** etc. Nada disto! Curso pressupõe estudo regular, porque o estudo sem ordem, sem programa não pode dar o mesmo resultado de um estudo feito metodicamente, previamente organizado. Há pessoas que, tendo muita vocação para a tribuna ou desejando sinceramente propagar a doutrina, poderiam produzir muito mais, se tivessem um lastro de estudos regulares, uma cultura doutrinária bem orientada; e se não apresentam mais eficiência em benefício da Causa a que desejam servir, é porque tem apenas noções esparsas, nunca metodizaram os seus estudos, mas preferem simplesmente as leituras ocasionais ou fragmentárias. Outras pessoas, como temos visto, não tendo **embocadura** ou iniciação em determinados assuntos, fazem leituras e mais leituras ao mesmo tempo, querem conhecer os mais variados assuntos de uma só vez, mas terminam envolvidas no labirinto de idéias desconexas, porque não sabem distinguir nem discernir: falam e escrevem muito, "misturam" as matérias e, por fim, não se fazem entender. Muitas vezes, são pessoas inteligentes e ardorosas, mas não foram bem iniciadas nos estudos, porque não se habituaram à metodização de leituras. Daí, a necessidade dos **curros** regulares de Espiritismo. Muita gente quer começar pelo fim, isto é, antes de ouvir ou aprender, faz questão de **falar**, quando não quer **pontificar** em determinados ambientes, embora não esteja em condições. Ora, quem não se interessa pelo estudo da doutrina, ainda que tenha boa vontade, não pode expô-la ou interpretá-la eficientemente, aquele que estuda seriamente a doutrina, "queimando as pestanas", como vulgarmente se diz, e leva cinco, dez, doze anos preparando a sua bagagem de conhecimentos, não pode deixar de ter mais autoridade intelectual do que aquele que apenas faz alguma leitura dispersa, lá uma vez por outra... O que sabe mais, porque teve trabalho de **observar, ouvir e estudar** cuidadosamente, deve ter mais possibilidades do que o que sabe menos. Alega-se muito a **humildade**, e é, às vezes, em nome da humildade que se combate a idéia de curso regulares nas sociedades espíritas, como se um curso fosse algum despropósito, alguma **heresia** ... É bom notar, entretanto, que a humildade não é privilégio da ignorância. Há muita gente verdadeiramente culta e, no entanto, é bem humilde, ao passo que se encontram muitos condutores ou guias, que são quase analfabetos, mas cheios de prevenção e arrogância, porque se presumem enciclopédicos ... A cultura real, que se não confunde com a falsa cultura, leva a pessoa a ser humilde, porque lhe mostra a necessidade da autocrítica, fazendo que cada qual, conscientemente, saiba até onde pode ir. Houve um homem, na antigüidade, que disse isto: **Eu sei que nada sei** foi algum tolo ou ingênuo? Não! Foi um dos filósofos da Grécia. Isto é a humildade consciente, fruto da cultura do espírito.

Podemos dizer, finalmente, que muitas pessoas, desconhecendo o pensamento de Kardec sobre determinados problemas do Espiritismo, e um deles é o ensino organizado, tem ojeriza aos cursos de doutrina, mas a verdade é que, aparentando humildade, não querem **aprender** nem ouvir o que os outros dizem, não querem receber lições dos que tem mais preparo: querem apenas aparecer, tomar a dianteira, embora não estejam doutrinariamente habilitados. É humildade ou falsa humildade? ... Quem prega uma doutrina, ensina, embora não seja mestre, e para ensinar, é preciso, antes, aprender, preparar-se. Isto é a regra geral, em tudo na vida.

Com estas idéias gerais, já podemos dar por terminada a nossa exposição sobre **Obras Póstumas**, livro de grande importância no conjunto da Codificação de Allan Kardec.

Conceito básico de Allan Kardec:

" O Espiritismo é uma doutrina filosófica de efeitos religiosos, como qualquer filosofia espiritualista, pelo que forçosamente vai ter às bases fundamentais de todas as religiões: Deus, a alma e a vida futura."

Unidade da doutrina:

O ponto mais sensível, mais decisivo em tudo quanto estudamos, durante esta série de palestras, é a **unidade** da doutrina. Vimos, embora em linhas gerais, que **O Livro dos Espíritos**, não apenas historicamente, mas também doutrinariamente, é a obra central do Espiritismo, porque nele se consubstanciam os princípios básicos da doutrina. Todos os outros livros da Codificação, desdobrando aspectos especiais, estão diretamente vinculados aquela obra fundamental, em virtude das correlações gerais e especiais. Tem-se, portanto, a idéia clara de um TODO ou de um conjunto homogêneo. Isto quer dizer que a doutrina jamais poderia ser fracionada ou desmembrada em suas partes integrantes, sob pena de se lhe sacrificar a unidade. Consequentemente, não se pode dar preferência sistemática a este ou aquele aspecto em prejuízo dos outros. O Espiritismo é, pela sua natureza e pelas suas conseqüências, um corpo de doutrina com três aspectos integrantes: científico, filosófico e religioso. Desprezar o lado religioso e exagerar o lado científico é tão prejudicial à **unidade** da doutrina, como hipertrofiar a parte religiosa e relegar a base científica; do mesmo modo, seria contra-senso desenvolver o aspecto religioso, de modo unilateral, e abandonar as luzes da filosofia. Toda tentativa para desagregar o corpo da doutrina, exaltando mais um lado em prejuízo do outro, é uma deformação perigosa.

Já vimos, também, que os livros da Codificação do Espiritismo estão, todos eles, relacionados entre si, pois existe um sentido completo de interdependência. Seria, então, inconveniente, por exemplo, desprezar **O Livro dos Espíritos** e fazer estudo exclusivo d'**O Evangelho segundo o Espiritismo**, como seria igualmente contraproducente por o **Evangelho** de lado e adotar apenas uma obra única da Codificação, seja ela qual for. Tais exageros são responsáveis por interpretações falsas e atitudes extremadas. É preciso ter sempre a visão de conjunto, a noção fundamental de **unidade**, e nunca pretender dividir o corpo da doutrina. Há quem diga que a doutrina em si está n'**O Livro dos Espíritos** e, por isso, as obras restantes podem ser postas de lado; como também há quem diga que **O Evangelho segundo o Espiritismo** satisfaz inteiramente, e por isso não há necessidade das outras obras; também se diz, ali ou alhures, que, sendo o Espiritismo uma doutrina mais científica do que religiosa, basta **O Livro dos Médiuns** ou bastaria **A Gênese** para resumir tudo quanto é necessário. Tudo isto são interpretações unilaterais, em discordância com a própria organização e o verdadeiro espírito da doutrina.

Todos os livros da Codificação se reclamam e se completam: não podemos compreender certas passagens do **Evangelho** ... sem recorrer ao **Livro dos Espíritos**, como não podemos deixar de procurar esclarecimentos n'**O Livro dos Médiuns** ou n'**A Gênese**, por exemplo, quando se oferece oportunidade de estudar seriamente determinados pontos do ensino de Jesus. É isto o que se chama interpretar o Evangelho **segundo** o Espiritismo. Há problemas, n'**O Livro dos Médiuns**, que nos levam forçosamente às explicações gerais d'**O Livro dos Espíritos** e d'**A Gênese**, e assim por diante. Como, pois, estabelecer a **primazia** de um livro único da Codificação - seja o **Evangelho**, seja **O Céu e o Inferno** ou qualquer outro, se a doutrina é um CONJUNTO DE LIVROS INSEPARÁVEIS?

É certo que Allan Kardec, como homem de espírito realista, não tendo qualquer resquício de fanatismo, deixou margem para que, mais tarde, quando o exigissem as necessidades da ciência, a doutrina fosse confrontada com as descobertas e os conhecimentos posteriores. Claro é que certas idéias, aceitas na época de Kardec, sobre a Terra, como sobre alguns problemas de Física, Astronomia,

etc., não podem deixar de ser apreciadas à luz de conhecimentos mais modernos. Isto faz parte do próprio sentido progressivo da ciência. As concepções da Física, na Segunda metade do século passado, ainda não podiam alcançar os conhecimentos que vieram depois, com Einstein, as teorias atômicas etc. Evidentemente, Allan Kardec não **fechou** a porta da investigação, pois ele era, acima de tudo, um homem de mentalidade científica, e sabia que a ciência progride através de retificações, reconstruções e enriquecimentos. No Congresso Espírita e Espiritualista de 1890, por exemplo, falou-se neste problema, de acordo, com idéias do próprio Allan Kardec, em virtude das revelações científicas que se verificaram depois da desencarnação do Codificador. Convém, no entanto, reconhecer que a BASE da doutrina é sólida e continua a ser íntegra em sua constituição. A doutrina pode muito bem acompanhar o desenvolvimento da ciência em todos os terrenos, receber contribuições novas, modificar opiniões relativas a problemas da cultura humana sem quebrar a sua unidade, sem alterar as linhas essenciais de sua estrutura. Muita gente pensa que, para colocar a doutrina **em dia** com algumas descobertas atuais, é preciso alterá-la ou modificá-la o caráter. Não! A unidade da doutrina, que jamais foi abalada, permanece inatacável, a despeito de todas as descobertas posteriores à Codificação. É isto o que precisa ficar bem claro, nenhuma obra de origem pessoal ou mediúmica substitui ou suplanta a Codificação de Allan Kardec. A força da doutrina está justamente em sua integridade, na coerência de seus princípios, na exatidão de suas afirmações, na pureza de seus ensinamentos e, como decorrência de tudo isto, na segurança de sua UNIDADE.

LEITURAS

Para facilitar o trabalho dos que desejarem formar um plano de estudos doutrinários ou procurar imediatamente alusões diretas a determinados assuntos, no corpo da doutrina, recomendamos as leituras abaixo anotadas:

Sobre o Espiritismo e as bases da religião

O Livro dos Espíritos, "Conclusão" V; **Obras Póstumas**, I parte cap. Intitulado "Ligeiras respostas aos detratores do Espiritismo": **A Gênese**, cap. I nº 8.

O Espiritismo e a restauração do verdadeiro Cristianismo

O Livro dos Espíritos, (Questões 625-627); comunicação dada em 15 de abril de 1860, **Obras Póstumas**, II parte; **A Gênese**, cap. I nº 30.

O Espiritismo está acima de todos os cultos particulares

Introdução d'O Evangelho segundo o Espiritismo (II)

(Convém observar que uma das traduções brasileiras (1917), dando mais ênfase, põe a expressão categórica: **acima de todos os cultos**. Outras traduções, inclusive a da LAKE, se S. Paulo, dizem isto: "O Espiritismo não tem nacionalidade e está **fora** de todos os cultos". Esta tradução está mais conforme à fonte francesa, onde se lê: **le Spiritisme n'a nationalité; il est en dehors de toutes les cultes particuliers**. Fora ou equidistante de todos os cultos. É o sentido da frase. Também se encontra em tradução espanhola a expressão **fora** de todos os cultos. Na realidade, sejam quais forem as ligeiras diferenças de traduções, o Espiritismo está **fora e acima** de todos os cultos, porque não tem

adoração material, nem símbolos, nem ritual de espécie alguma, como não tem sacerdotes). Note-se que, já na tradução de 1930, de Antônio Lima, aparece o advérbio **fora** e não mais **acima** de todos os cultos, o que prova, portanto, que o próprio tradutor modificou a forma de dizer, neste passo da Introdução, aproximando-se mais do original francês.

A força do Espiritismo está na sua filosofia

O Livro dos Espíritos " Conclusão" VI; Introdução d'**O Livro dos Médiuns** ; **A Gênese**, cap. I nº 52 (Comentários).

O Espiritismo não teme as descobertas da ciência e estará sempre disposto a aceitar quaisquer verdades que venham a ser demonstradas

A Gênese, cap. I nºs 16-55; cap. X nº 30; **Obras Póstumas** (parte final), capítulo intitulado "Princípios fundamentais da doutrina espírita reconhecidos como verdades inconcussas.

Unidade da doutrina e o conceito de ESPÍRITA

Precisão e clareza para evitar interpretações divergentes

Obras Póstumas "Projeto - 1868"; parte final do capítulo intitulado "Ligeira resposta aos detratores do Espiritismo".

Espiritismo e Espiritualismo

"Todo espírita é espiritualista, mas nem todo espiritualista é espírita".

Introdução d'**O Livro dos Espíritos**; **O que é o Espiritismo**, de Allan Kardec(Ver o "Segundo diálogo", com o céptico).

Oferecemos, com isto, um roteiro sumário, como remate de nossos estudos. Daí por diante, os interessados poderão descobrir, por iniciativa própria, muitos outros pontos interessantes, à medida que forem penetrando no pensamento da doutrina.

ESTUDOS COMPLEMENTARES

De acordo com o programa do Centro, realiza-se anualmente uma série de estudos, que chamamos **complementares**, sobre determinados assuntos que, embora variáveis, tratam de problemas doutrinários e contribuem para o desenvolvimento de alguns temas já estudados. Neste **Caderno**, por exemplo, vamos resumir o mais possível o estudo feito sobre a influência da reencarnação na personalidade.

REENCARNAÇÃO E PERSONALIDADE

Antes de tratarmos da influência que a reencarnação possa ter na personalidade, convém dizer alguma coisa sobre o que seja personalidade, utilizando a terminologia própria, pelo menos até certo ponto. Há, em cada pessoa, aquilo que constitui a sua individualidade, o seu EU inconfundível, e aquilo que se manifesta nas atitudes, nos hábitos, nas formas de convivência social. Então, para usar linguagem menos acadêmica, podemos dizer que a personalidade é aquilo que está por **fora**, nas maneiras, nas convenções, nas expressões pessoais, ao passo que o EU individual é aquilo que fica oculto, mas não deixa de ser o que é, sejam quais forem as mudanças exteriores. Exemplo prático: cada pessoa é o que **é**, na realidade, ainda que a personalidade possa disfarçar ou encobrir o que vai por dentro lá na essência de seu EU profundo.

O estudo da personalidade é matéria inerente à Psicologia, mas também interessa, e muito, ao Espiritismo. A palavra personalidade, por um fenômeno de semântica (mudança de sentido das palavras) sofreu muita alteração em suas aplicações. O sentido é realmente um tanto elástico. Personalidade vem de **persona**, e persona, nos tempos antigos, era uma espécie de máscara usada pelos atores, no palco, para se fazerem ouvir pelos espectadores. Justamente por isso a palavra compõe-se de dois elementos: **per e sona**, isto é, "através do som", falar por meio de máscara ou instrumento apropriado. Em termos de Psicologia, **personalidade** é o conjunto de hábitos, tendências e comportamentos de cada pessoa. A personalidade é, enfim, uma síntese, e suas ações se realizam como um **todo**. As definições técnicas entram em minúcias que, em parte, não nos interessam. Entretanto, as noções iniciais estão em qualquer compêndio de Psicologia, e os interessados no assunto não terão a menor dificuldade em adquirir os conhecimentos diretos. Vamos, porém, ao que interessa à reencarnação. A Psicologia, ainda presa, em grande parte, ao formalismo acadêmico e aos "moldes clássicos", não aceita a reencarnação e, por isso mesmo, tem um ponto de vista muito diferente a respeito de certos aspectos da personalidade.

Ora, a personalidade manifesta-se pela **maneira de ser**, isto é, o modo pelo qual nos comportamos e reagimos. A personalidade depende, é claro, de três ordens de fatores: **fatores constitucionais** (a constituição física tem repercussão nas reações e no comportamento); **fatores temperamentais** (as glândulas, teor sanguíneo e outros elementos também influem muito no comportamento, pois é grande a importância dos hormônios); **fatores psíquicos** (a vida psíquica, o estado mental e o funcionamento de seu mecanismo).

Uma constituição física mal equilibrada, seja por causa de um defeito de nascença, seja por causa de alimentação deficiente etc., tem muita relação com as reações pessoais, assim como o mau funcionamento de certas glândulas pode provocar atitudes surpreendentes. A personalidade tem, portanto, relação com os mais variados elementos:

Influência do clima

É claro que o clima, muito quente ou muito frio, principalmente em determinadas pessoas, conforme seja a sua constituição, tem e não pode deixar de ter influências nos costumes e até nas reações habituais;

Influência geográfica

A paisagem de uma região, com as florestas, como as planícies, as montanhas, rios etc., tem alguma influência psicológica, devendo-se, todavia, evitar o exagero de dizer, como já houve quem dissesse, que o homem pé fruto exclusivo do ambiente; a mudança de ambiente, como de um país para outro, pode modificar em parte, o comportamento;

Influência da alimentação

Hoje em dia já está provado que a alimentação, conforme seja o teor de vitaminas e outros elementos, tem muita repercussão no desenvolvimento físico e, conseqüentemente na vida psíquica;

Influência cultural

A personalidade recebe muita influência do meio cultural: educação, padrões de vida social, religião, artes, costumes domésticos etc.;

Influência biológica

O equipamento biológico traz, pela hereditariedade, no plano físico, forte contingente dos antepassados.

Não podemos negar, de forma alguma, que todos esses fatores, e ainda outros, tem convergência para a personalidade, porque deles depende, não de um modo absoluto, mas em parte, muitas decisões, muitas atitudes momentâneas ou refletias, tanto isoladamente como no grupo social. O erro está nas generalizações, pois a verdade é que cada um desses fatores tem a sua contribuição no **todo**, mas não pode se dizer que um deles, apenas, seja capaz de explicar tudo quanto a nossa personalidade revela. A alimentação, por exemplo, é elemento ativo na estrutura da personalidade, mas não se deve pensar que o indivíduo A ou B é mau porque come isto ou aquilo; é bom porque se alimenta disto ou daquilo. A alimentação influi, não há dúvida, mas a personalidade é um **todo**, e por isso é necessário considerar também a ação de outros elementos. O clima quente às vezes irrita e precipita reações um tanto violentas, especialmente quando encontra indivíduos cujo sistema nervoso não está muito bom ou quando há certos distúrbios orgânicos. Se, no entanto, o indivíduo é mal educado ou agressivo, mostra o que é, em qualquer clima, desde que haja circunstâncias favoráveis. Um defeito na perna ou no olho, por exemplo, pode repercutir muito na personalidade, porque, criando **complexos**, como se diz em linguagem psicanalítica, faz o indivíduo se sentir inferiorizado perante os seus semelhantes e, por isso, está sujeito a ficar dominante pelos sentimento de despeito ou até de ódio. Convém lembrar, porém, que tudo isto também depende muito do atraso ou adiantamento do Espírito. A Psicologia não entra neste domínio de especulação, mas os fatos demonstram, a cada passo, que um indivíduo muito elevado espiritualmente (e cabe aqui, a tese da reencarnação) sabe superar as deficiências físicas e não se deixa vencer por nenhum **complexo**, nem de cor, nem de competência nem de posição social. Nunca se deve generalizar neste terreno. O grande Presidente Roosevelt, um dos maiores homens de nosso século, teve um caso grave, quando criança, e ficou defeituoso, fisicamente, mas venceu na vida, estudou, preparou-se e chegou a ser Presidente dos Estados Unidos. O **complexo** não o dominou. O caso de Hellen Keller - cega, surda e muda - é um dos maiores e mais edificantes exemplos na História. Tudo isso prova que a personalidade é muito engenhosa e, por isso, não deve ser avaliada de modo unilateral, pela primazia sistemática deste ou daquele fator externo. No conjunto, todos contribuem para a maneira de ser, mas é preciso notar que, além de tudo isto, há o fator espiritual.

Se o indivíduo é mau, porque traz a propensão para o mal, em seu próprio espírito, o meio pode ter influência, mas a influência será muito relativa, enquanto não houver melhoramento interior. A reencarnação tem o seu contingente de contribuição na personalidade, porque traz uma **bagagem** do passado, e essa bagagem, constituída de virtudes ou de vícios, de ignorância ou de conhecimentos, vai projetar-se no comportamento e nas atitudes, apesar de todo o lustre, todo o verniz exterior. As limitações da personalidade muitas vezes encobrem a imperfeição moral, mas não mudam o indivíduo por dentro, não alteram o EU, pois ele continua sendo o que é. Daí se dizer, comumente, que cada um de nós tem muitas **personalidades**, de acordo com as circunstâncias e as conveniências do momento.

Realmente, em cada situação, o indivíduo pode ter um comportamento. Perante a sociedade, porque lhe convém estar bem com todos ou porque lhe interessa passar por um **gentleman** ou cavalheiro distinto, um indivíduo arguto e maneiro pode ser tido por um **anjo** e, no entanto, é um **monstro** quando está na intimidade. A personalidade varia muito, segundo o ambiente e as convivências do momento. Há indivíduos, por exemplo, que tem uma capacidade extraordinária de adaptação e simulação: quando querem obter as coisas, em determinados lugar, adaptam-se imediatamente, fazem que aderem às idéias e aos estilos do grupo, mas logo depois, assim que resolvem o seu problema, deixam cair a máscara, **descobrem-se**, mostrando as suas verdadeiras intenções. Veja-se, na vida prática, o que acontece na maioria das comunidades políticas, filantrópicas e religiosas. Há indivíduos que, sabendo simular bem, entram em determinados movimentos, fingem que concordam com tudo, chegam a tomar posição um tanto mística ou ardorosa, amoldam-se ou se acomodam facilmente, mas o certo é que, no fundo, não **sentem** o movimento, não aceitam sinceramente as idéias do grupo. Tudo é disfarce, é artifício, é atitude calculada, porque o EU individual, o EU profundo e desconhecido está em desacordo. Muitas vezes esses indivíduos se infiltram nesta ou naquela organização, com aparência de que são realmente idealistas, mas o que eles querem é apenas chegar ao alvo de uma pretensão de ordem econômica, política ou sentimental. Há um motivo oculto, e esse motivo é encoberto pelas adaptações da personalidade. É preciso observar bem, para saber qual o **centro de interesse** do indivíduo. E esse centro de interesse tem muita importância na psicologia das relações humanas. Se o **centro de interesse** está realmente no ideal ou na superioridade da Causa que o indivíduo abraça, claro que ele fica, permanece e luta com sinceridade; porém, o que ele quer é apenas ser agradável a alguém que é influente naquele grupo, por motivo de ordem econômica, política e até amorosa, cedo ou tarde a realidade vem à superfície. Sabemos de um ditado popular muito interessante: **Quem quiser conhecer bem o indivíduo coma no prato com ele**. Há muita psicologia neste ditado. Uma coisa é o indivíduo na vida social sujeito às convenções e etiquetas, e outra coisa é o indivíduo com liberdade, na vida particular, dando expansão às suas tendências.

Por falta de observação psicológica, até mesmo no meio espírita, que é um meio muito liberal e hospitaleiro, ocorrem situações que bem poderiam ser evitadas se houvesse mais prudência. Não se procura **observar** o elemento humano, não se tem a preocupação de notar as contradições de sua personalidade, para saber quando esse elemento está em nosso meio por ideal ou por um motivo oculto, seja de ordem material, seja de ordem sentimental. Muitas vezes não é a doutrina que o prende: é **alguém** e, quando o seu centro de interesse desaparece nada mais o seduz na seara espírita. Todas as aparências de **santidade** ou **idealismo** abrasador, tudo isto vai por terra, de um momento para outro. Não há, infelizmente, muito cuidado, muita observação na escolha de pessoal. Tudo isto é falta de psicologia. Basta que um indivíduo apareça aqui ou alhures, desde que saiba falar bem, seja insinuante ou tome atitudes piedosas, para que logo se lhe dê um encargo no grupo ou que se lhe atribuam tarefas de responsabilidade espiritual, sem saber se ele realmente é idealista ou se não está preso a outros interesses. Neste particular, há muita facilidade em nosso meio. É preciso tempo suficiente, e assim mesmo ainda pode haver muita decepção, muito desencanto, porque o EU do indivíduo não revela tudo, pois a máscara da personalidade sabe muito bem **torcer** e modelar as situações, de acordo com o lugar e as circunstâncias. Há indivíduos que são **ateus**, quando estão entre ateus, e precisam agradar a terceiros; são religiosas e praticam todos os atos de culto, quando estão entre religiosos, e assim por diante. No íntimo, porém, estão repelindo a religião, e fazendo chacota de tudo isso. Quem é que pode ir lá no fundo da alma para saber o que o indivíduo está pensando e querendo? ... Há indivíduos que são capazes de chorar ou de rir, sem ter vontade, como são capazes de aplaudir uma atitude, uma idéia qualquer, simplesmente porque fazem questão de captar a simpatia de determinados elementos ou determinados grupos. Cada indivíduo, portanto, é um problema. A **psicologia diferencial** estuda justamente as diferenças de personalidade.

A reencarnação deixa, no bojo da personalidade, às vezes durante uma, duas, três ou mais existências, como que a **marca** persistente do passado; e tanto isto é exato, que muita gente, embora mudando de ambiente ou concordando com idéias novas, não abra mão de suas tendências espirituais. O meio social, a educação, a cultura intelectual, tudo isto se conjuga, mas ainda fica, no íntimo, alguma coisa do passado, algum hábito, alguma propensão irremovível. Enquanto a Psicologia

chamada oficial ou universitária não quiser levar em conta a influência da reencarnação, jamais poderá desvendar as tramas da personalidade. Inclusive no meio espírita, onde não há lugar para idolatria e credence, há pessoas, aliás muito bondosas, que aceitam a manifestação dos Espíritos, fazem caridade, colaboram nas sociedades espíritas, estudam a doutrina, mas ainda não deixa, de forma alguma, os velhos pendores para a igreja e para o ritualismo. Há, muitas vezes, uma luta interior. É o conflito entre o passado e o presente, mas uma existência ainda não é suficiente para remover o acervo de crenças e práticas de existências anteriores. Cada qual se ajusta mais aos ambientes que lhe são afins. É preciso, pois, compreender bem esse importante problema de psicologia à luz da reencarnação. Há organizações adequadas às pessoas de tendências místicas, como há organizações de natureza mais especulativa, como também há movimentos e sociedades que oferecem mais campo àqueles que preferem as obras práticas, no terreno da assistência material. O que é indispensável é não desfigurar o Espiritismo, não ferir a unidade da doutrina. Se o Espiritismo é uma doutrina de três aspectos - **científico, filosófico e religiosos** - é natural que haja preferências por este ou aquele aspecto, e muitas vezes as preferências pela parte científica ou religiosa do Espiritismo ainda estão vinculadas à existência anterior.

Vê-se finalmente, que há e não pode deixar de haver muita influência da reencarnação na Psicologia. Além de tudo, não podemos perder de vista o aspecto da **responsabilidade** individual, já referido em palestra anterior: se aceitamos conscientemente a reencarnação, devemos saber que não adianta **fingir, simular**, modificar a personalidade para esconder os verdadeiros sentimentos, porque tudo **será** descoberto, mais dia, menos dia, à luz meridiana da realidade, quando nos encontrarmos diante de nós mesmos, sem convenções e artifícios. Cuidemos, pois, de aperfeiçoar a nossa personalidade para que ela esteja cada vez mais em harmonia em o nosso Eu individual. Aquele que engana, parecendo que é, mas não é, assume tremenda responsabilidade perante a sua consciência e perante DEUS, pois está comprometendo o futuro de seu próprio espírito. É o que nos ensina o Espiritismo à luz da reencarnação.

"CONHECE-SE O VERDADEIRO ESPÍRITA PELA SUA TRANSFORMAÇÃO MORAL". - ALLAN KARDEC

NOTAS FINAIS

Colaboraram nas séries de palestras especiais (aniversário d'O Livro dos Espíritos e aniversário de Allan Kardec) bem como nas palestras finais, sobre o "Sermão da Montanha", diversos confrades, aos quais nos confessamos sinceramente agradecidos.

Nossos últimos **Cadernos** têm sido distribuídos no exterior, por gentileza de alguns confrades nossos, o que, aliás, é uma forma de aproximação e intercâmbio doutrinário.

Os desenhos e gráficos publicados em nosso **Cadernos** são de autoria de nosso companheiro Flávio de Souza Pereira, 1º Secretário deste Centro. É um colaborador muito eficiente também na parte doutrinária.

O Centro Espírita "18 de Abril" funciona, desde a sua fundação, na sede da Liga Espírita do Distrito Federal (antiga Liga Espírita do Brasil), à qual é filiado. O Centro, na realidade, nasceu na

Liga, e sempre recebeu dessa respeitável instituição federativa as maiores provas de estímulo e solidariedade.

Nosso **Cadernos** são distribuídos gratuitamente.

ADVERTÊNCIA SEMPRE ATUAL:

Os bons espíritos nos vêm instruir para o nosso melhoramento e progresso, e não para revelar o que não devemos saber ainda, ou o que deve ser fruto de nosso trabalho. - Allan Kardec

ESPÍRITAS! AUXILIAI A OBRA ESCOLAR DA LIGA ESPÍRITA DO DISTRITO FEDERAL. A LIGA MANTÊM ESCOLAS PRIMÁRIAS GRATUITAS E PRECISA DA COOPERAÇÃO DE TODOS. AUXILIAR A INSTRUÇÃO DO POVO É CONTRIBUIR PARA A DESTRUÇÃO DA IGNORÂNCIA, QUE É UM DOS GRANDES MALES SOCIAIS.

Endereço provisório do Centro Espírita "18 de Abril";

Rua dos Andradas, 96 - 12º andar.

Tel. 23-1547. Reuniões: 5ª feira, às 20 hs. - Rio de Janeiro.

LITERATURA

Relação de algumas obras que, entre muitas outras, podem ser consideradas, com interior cabimento, verdadeiros tesouros da literatura espírita. Todos quantos desejarem ampliar o lastro de sua cultura doutrinária naturalmente hão de se interessar por obras que constituem fontes categorizadas no que diz respeito ao Espiritismo.

- | | |
|--------------------|---|
| CAMILLE FLAMMARION | - A Morte e seu mistério - O Desconhecido e os problemas Psíquicos. |
| GABRIEL DELANNE | - O Espiritismo perante a Ciência - A Revolução anímica - Reencarnação. |
| LÉON DENIS | - O Problema do Ser, do Destino e da Dor - Depois da Morte - O Porquê da Vida. |
| CONAN DOYLE | - História do Espiritismo (Raríssima a edição inglesa. Existe, porém, uma edição argentina, na "Editorial Schpire": El Espiritismo, su historia, sus doctrinas, sus hechos. Nova Revelação. |
| A. AKSAKOF | - Animismo e Espiritismo. |
| ERNESTO BOZZANO | - Animismo ou Espiritismo? (Posterior à obra de Aksakof)
- Metafísica Humana - Xenoglossia. |

CARLOS IMBASSAHY

- **O Espiritismo à luz dos fatos - Evolução.**

GUSTAVO GELEY

- **Resumo da doutrina espírita - Do inconsciente ao Consciente.**

MÁRIO CAVALCANTI DE MELO

- **Como os teólogos refutam.**

No campo da literatura mediúnica - brasileira, existem obras edificantes recebidas por Francisco Cândido Xavier e outros médiuns. Por exemplo, **No Mundo Maior** e **Missionários da Luz**, do espírito de André Luiz, e **A Caminho da Luz, de Emmanuel**. A bibliografia de origem espiritual já é notoriamente numerosa, e por isso nos limitamos a citar apenas três obras, que são realmente valiosas, cabendo aos estudiosos, por sua vez completar e desenvolver as suas leituras. Todavia, para a boa orientação dos estudos doutrinários, é sempre aconselhável começar pela base, isto é, pela fonte inicial - a obra de Allan Kardec - para, depois, acompanhar os enriquecimentos trazidos por obras mediúnicas, que formam brilhante literatura subsidiária. Há, inegavelmente, algumas obras mediúnicas, que, embora muito engenhosas, com excelente poder descritivo, ainda suscitam discussões acerca de certos problemas. Quem ainda não tem conhecimentos básicos da doutrina pode ficar em dificuldade, por não saber que a opinião de um espírito é uma opinião pessoal e, por isso mesmo, nem tudo quanto diz um espírito deve ser aceito como tese capital do Espiritismo. Daí, portanto, a necessidade do estudo regular da doutrina.
